

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

RICARDO MANOEL DE OLIVEIRA ZAMBELLI

**VIOLÊNCIA ESCOLAR: A prática do Karatê-Do no
Programa Escola da Família**

**Campinas
2013**

RICARDO MANOEL DE OLIVEIRA ZAMBELLI

**VIOLÊNCIA ESCOLAR: A prática do Karatê-Do no
Programa Escola da Família**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Graduação da Faculdade de
Educação Física da Universidade Estadual
de Campinas para obtenção do título de
Licenciado em Educação Física.

Orientadora: Elaine Prodócimo

**Campinas
2013**

Z14v Zambelli, Ricardo Manoel de Oliveira, 1988-
Violência escolar: a prática do karatê-do no Programa
Escola da Família / Ricardo Manoel de Oliveira Zambelli. –
Campinas, SP: [s.n], 2013.

Orientador: Elaine Prodócimo
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Faculdade de
Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.

1. Violência escolar. 2. Karatê. 3. Programa Escola da Família.
I. Prodócimo, Elaine. II. Universidade Estadual de Campinas,
Faculdade de Educação Física. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em inglês: School violence: the practice of karate-do on
Family School Program

Palavras-chaves em inglês:

School violence

Karate

Family School Program

Titulação: Licenciatura em Educação Física

Banca examinadora:

Elaine Prodócimo [orientador]

José Júlio Gavião de Almeida

Data da defesa: 27-11-2013

RICARDO MANOEL DE OLIVEIRA ZAMBELLI

**VIOLÊNCIA ESCOLAR: A prática do Karatê-Do no
Programa Escola da Família**

Este exemplar corresponde à redação final
do Trabalho de Conclusão de Curso
(Graduação) defendido por Ricardo Manoel
de Oliveira Zambelli e aprovado pela
Comissão julgadora em: 27-11-2013

**Campinas
2013**

DEDICATÓRIA

Dedico este estudo ao colega Denis Papa Casagrande (in memoriam), aos que semeiam a cultura de paz e àqueles que acreditam no poder transformador da educação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela saúde, proteção e por todas as graças alcançadas.

A minha mãe Maria Aparecida, ao meu pai Antônio José, meu irmão Renato, minha namorada Camila, aos meus familiares e amigos, por confiarem no meu trabalho e por sempre me apoiarem nesta caminhada, com muita alegria, carinho e compreensão.

Aos que me ensinaram Karatê-Do, aos que lutaram comigo e aos que aceitaram o meu convite de aprendermos e compartilharmos juntos os conhecimentos inerentes a esta arte marcial.

Aos professores e funcionários da FEF, em especial a professora Elaine Prodócimo por orientar esta monografia e ao Professor José Júlio Gavião de Almeida pela oportunidade em participar dos projetos de extensão em lutas desta faculdade – “Escolinha de Lutas” e “Karatê – FEF”.

A todos que contribuíram e participaram desta pesquisa.

ZAMBELLI, Ricardo Manoel de Oliveira. **Violência Escolar**: A prática do Karatê-Do no Programa Escola da Família. 70f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas 2013.

RESUMO

As lutas são um elemento da Cultura Corporal de Movimento que compõe o conteúdo programático da Educação Física escolar, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais para os ensinos Fundamental e Médio (BRASIL, 1998). Entretanto este tema se depara com barreiras que prejudicam ou até mesmo inviabilizam sua inserção na educação formal, como a falta de vivência pessoal em lutas por parte dos professores, tanto no cotidiano de vida, como no âmbito acadêmico e a preocupação com o fator violência, que julgam ser intrínseco às práticas de lutas, o que incompatibiliza a possibilidade de abordagem deste conteúdo na escola. Neste estudo, buscamos analisar a influência da prática do Karatê-Do, por meio do Programa Escola da Família, no comportamento social de alunos. A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas com os alunos praticantes do Karatê-Do no Programa Escola da Família de uma escola da rede pública estadual de Campinas-SP que estiveram matriculados nos ensinos Fundamental e Médio, no ano de 2012, seus respectivos professores e a equipe gestora da escola; também as fichas individuais de ocorrências foram consultadas e analisadas. Como resultados concluímos que a prática do Karatê-Do influenciou positivamente o comportamento social dos alunos e argumentamos a favor do ensino do conteúdo lutas na Educação Física Escolar, desmistificando sua correlação com a violência.

Palavras chave: Violência escolar, Karatê-Do, Programa Escola da Família.

ZAMBELLI, Ricardo Manoel de Oliveira. School Violence: The practice of Karate-Do on Family School Program. 70f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas 2013.

ABSTRACT

Fights are one of the elements of the Body Movement Culture that composes the content plan of school Physical Education according to the National Curriculum Guidelines for primary and secondary education (BRASIL, 1998). Nevertheless this theme deals with barriers that harm or even makes its insertion to the formal education not viable, such as teachers lack of experience in fighting, both on their everyday life and in college, and the concern about the violence they believe to be intrinsic to the practice of fights, turning the possibility of approaching this content at school incompatible. This study we analyze the influence of the practice of Karatê-Do, through the Family School Program, the social behavior of students. Data collection was conducted through interviews with students practicing Karate-Do at Family School Program of a public school in Campinas-SP who were enrolled in primary and secondary education, in 2012, their respective teachers and the school management, the individual occurrences records were consulted and analyzed. As a result we were able to conclude that the practice of Karate-Do positively influenced student's social behavior and argued in favor of teaching fights within school Physical Education, demystifying its correlation with violence.

Keywords: School violence, Karate-Do, Family School Program

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CEI – Coordenadoria de Ensino do Interior.

CGEB – Coordenadoria de Gestão da Educação Básica.

COGSP CAPITAL – Coordenadoria de Ensino de São Paulo Capital.

COGSP GRANDE SP – Coordenadoria de Ensino da Região Metropolitana da Grande São Paulo.

DPE – Diretoria de Projetos Especiais.

FDE – Fundação para o Desenvolvimento da Educação.

SEE/SP – Secretaria de Educação de São Paulo.

SEE – Secretaria de Estado da Educação.

ONU – Organização das Nações Unidas.

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	11
INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO 1	
O ENSINO DO CONTEÚDO LUTAS E A VIOLÊNCIA	
ESCOLAR.....	14
1.1 O ensino do conteúdo lutas na Educação Física escolar.....	14
1.2 Aspectos históricos e filosóficos do Karatê-Do.....	16
1.3 Agressividade, violência e violência escolar.....	19
CAPÍTULO 2	
PROGRAMA ESCOLA DA FAMÍLIA: A CULTURA DE PAZ	
E A NÃO VIOLÊNCIA.....	23
2.1 O Programa Escola da Família.....	23
2.2 A estrutura gerencial do Programa Escola da Família.....	28
2.3 A proposta das aulas de Karatê-Do no Programa Escola da Família.....	29
CAPÍTULO 3	
DESCRIÇÃO DO MÉTODO.....	32
3.1 A pesquisa.....	32
3.2 A Escola.....	33
3.3 Os participantes do estudo.....	34
3.4 A Coleta de dados.....	36
3.5 Análise e organização dos dados.....	38
CAPÍTULO 4	
RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	39
4.1 Perspectivas sobre o ambiente escolar.....	39
4.2 Percepções sobre a violência na Escola.....	48
4.3 O ensino do conteúdo lutas na Escola e sua influência no comportamento social dos alunos.....	52
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	61
REFERÊNCIAS.....	63
ANEXOS.....	67

APRESENTAÇÃO

Meus primeiros contatos com as lutas, exercitando bem a memória e retornando aos tempos de infância, aconteceram em casa, em uma brincadeira que meu irmão e eu chamávamos de “Lutinha! Porquinho! Estátua!”. As regras eram simples, derrubar um ao outro, imitar porquinhos ou fazer estátuas, de acordo com os nossos comandos. O espaço era muito bem delimitado, a cama da nossa mãe. O tempo, bem cronometrado, os curtos momentos em que fugíamos dos seus olhares. Ao perceber o meu gosto pelo que se manifestava nas brincadeiras, minha mãe me matriculou, aos 4 anos de idade, nas aulas de Karatê-Do. Primeiramente na escola infantil onde eu estudava, depois em um projeto social e por último no clube onde éramos sócios.

Com o passar dos anos a brincadeira se tornou um compromisso sério, participei de campeonatos e conquistei títulos regionais e estaduais. Em 2006 fui aprovado para Faixa Preta 1º Dan e iniciei a dar aulas no mesmo projeto social em que tive minhas primeiras lições e depois como voluntário no Programa Escola da Família, na escola onde este estudo foi realizado.

Em 2009 ingressei na Faculdade de Educação Física da Unicamp e participei dos Projetos de Extensão em lutas “Escolinha de Lutas” e “Karatê-FEF”, coordenados pelo Professor José Júlio Gavião de Almeida. Ao conhecer a visão acadêmica sobre a pedagogia das lutas, novos questionamentos surgiram a respeito do ensino deste conteúdo na escola, sua correlação com a violência e a influência da prática do Karatê-Do no comportamento social dos alunos.

INTRODUÇÃO

A violência é um problema crescente nas sociedades, basta acompanhar a mídia e os noticiários ou mesmo observar os locais que frequentamos para notar que este tema incide das mais variadas formas.

No Brasil, pesquisas nesta área são realizadas há décadas. Em um estudo intitulado Fenomenologia crítica da violência urbana, foi traçado um perfil da violência urbana no Brasil, na década de 1980, cuja listagem dos fenômenos violentos foi imensa: violência na escola, violência policial, violência nas ruas, violência no trânsito, nos serviços de saúde, e daí por diante (DANIEL, 1982 apud COSTA, 1984).

Neste contexto, na obra intitulada Escola e violência, Abramovay (2002) discute a realidade vivida por jovens em situação de vulnerabilidade social e as violências sofridas por eles, como a discriminação, envolvimento com drogas, o cotidiano nas escolas, reações às agressões na escola, caracterização de grupos de alunos envolvidos com a violência, dentre outros temas que remetem à situação atual. Com isso, a autora evidencia que a violência está presente nas instituições de ensino e resulta em grandes consequências para os alunos, prejudicando seu desenvolvimento emocional.

Entendemos a escola como uma das responsáveis pela educação do indivíduo e da formação do caráter do cidadão, um ambiente no qual se aprende a conviver com as diferenças entre as pessoas em situações diversas. Entretanto, o comportamento violento, intolerante e desrespeitoso dos alunos demonstra um quadro preocupante que sinaliza uma ruptura no sistema educacional e nos faz refletir sobre alternativas para desenvolver as habilidades sociais dos alunos e, educá-los sobre o tema violência.

Com o foco voltado para esta temática, refletimos sobre a atuação dos professores de Educação Física na escola que, por meio dos conhecimentos específicos da Cultura Corporal de movimento¹, são agentes capazes de contribuir ativamente no processo de transformação educacional.

¹ Conceito descrito por Betti (1996) refere-se à “prática social das atividades corporais de movimento” (p.111). Área de conhecimento da Educação Física, também denominado como cultura corporal (COLETIVO DE AUTORES, 1992; BRACHT, 1992) e cultura do movimento (KUNZ, 1991; BRACHT, 1992).

Desta forma, abordamos nesta pesquisa o ensino do conteúdo lutas como uma alternativa que pode contribuir para uma discussão crítica e reflexiva sobre o tema violência na escola. O objetivo do presente estudo é analisar a influência da prática do Karatê-Do, por meio do programa escola da família, no comportamento social de alunos do ensino fundamental, segundo ciclo e ensino médio de uma escola da Rede Estadual de ensino na periferia do município de Campinas-SP, segundo seus próprios olhares, dos professores e das gestoras. Como objetivos específicos: entender como a violência é percebida na escola; conhecer como a equipe gestora e os professores trabalham esse tema com os alunos; investigar as ocorrências que envolvem os alunos participantes do programa.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998), a prática pedagógica das lutas é um conteúdo programático da Educação Física escolar. Entretanto, a inserção deste tema nas aulas de Educação Física se depara com barreiras que prejudicam ou até mesmo inviabilizam seu processo de ensino aprendizagem como, por exemplo, a falta de vivência em lutas por parte dos professores e a correlação deste tema com a violência (CARREIRO, 2005; DEL VECCHIO e FRANCHINI, 2006; NASCIMENTO, 2007).

Neste trabalho, apresentamos argumentos que buscam contrapor essas restrições e desmistificar a correlação entre a prática de lutas e a incidência de violência na escola. Discutimos também a influência da prática do Karatê-Do no desenvolvimento das relações interpessoais dos alunos por meio dos elementos culturais e filosóficos contidos nesta modalidade.

CAPÍTULO 1

O ENSINO DO CONTEÚDO LUTAS E A VIOLÊNCIA ESCOLAR

As lutas, as ginásticas, os jogos, os esportes, as atividades rítmicas e expressivas, as atividades circenses, entre outras, são produções culturais historicamente acumuladas e socialmente transmitidas, que compõem uma área de conhecimento específica da Educação Física, denominada Cultura Corporal de movimento.

Neste sentido, entende-se a Educação Física escolar como uma disciplina que introduz e integra o aluno na Cultura Corporal de movimento, estimulando a percepção crítica e reflexiva da prática de seus conteúdos.

Ao discutirmos sobre o ensino das lutas na escola, em especial a prática do Karatê-Do, propomo-nos a estudar um assunto que, apesar de sua legitimidade, ainda é pouco explorado por grande parte dos professores de Educação Física escolar (CARREIRO, 2005; DEL VECCHIO e FRANCHINI, 2006; NASCIMENTO, 2007; RUFINO e DARIDO, 2013).

Com isso, discorreremos nos próximos tópicos sobre **o ensino do conteúdo lutas na Educação Física escolar**; os **aspectos históricos e filosóficos do Karatê-Do** e; **a agressividade, a violência e a violência escolar**.

1.1 O ensino do conteúdo lutas na Educação Física escolar

No contexto da Educação Física, entendemos as lutas como manifestações da Cultura Corporal de movimento, construídas e resignificadas ao longo da história e, portanto, possíveis de serem ensinadas na escola. Considerando as possibilidades pedagógicas, críticas e reflexivas acerca dos aspectos culturais e filosóficos inerentes a este conteúdo, corroboramos com Rufino e Darido (2009, p. 149) e abrangemos neste termo, as artes marciais e as modalidades esportivas de combate.

Mais relevante não é a discussão sobre qual terminologia está mais correta ou deve ser empregada em relação à outra e sim discutir sobre a inserção desses conteúdos, [lutas, artes marciais, modalidades esportivas de combate] que fazem parte da cultura corporal, nas aulas de Educação Física.

Desta forma, entendemos que as lutas devem ser discutidas e praticadas nas aulas de Educação Física, possibilitando aos alunos o conhecimento e a apropriação deste elemento da Cultura Corporal de movimento.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais trazem na definição das lutas questões que tangem as vivências práticas deste tema, como o equilíbrio ou desequilíbrio, técnicas de contusão ou exclusão de espaços, dentre outras:

As lutas são disputas em que o(s) oponente(s) deve(m) ser subjugado(s), com técnicas e estratégias de desequilíbrio, contusão, imobilização ou exclusão de um determinado espaço na combinação de ações de ataque e defesa. Caracterizam-se por uma regulamentação específica a fim de punir atitudes de violência e de deslealdade. Podem ser citados como exemplos de lutas desde as brincadeiras de cabo-de-guerra e braço-de-ferro até as práticas mais complexas da capoeira, do judô e do caratê (BRASIL 1998, p. 37).

Consideramos viável e pertinente que o professor de Educação Física proponha também discussões sobre os aspectos que permeiam a prática das lutas, como por exemplo: elementos históricos e filosóficos da modalidade, a cultura do seu local de origem, a conduta dos seus praticantes, o respeito ao próximo, as atitudes violentas, dentre outras possibilidades.

Com isso, afirmamos a legitimidade das lutas nas aulas de Educação Física escolar, entretanto, de acordo com alguns autores da área, este tema ainda é pouco explorado por grande parte dos professores.

Segundo Carreiro (2005), as lutas encontram resistência por parte dos professores, que argumentam sobre a falta de espaço, falta de material, falta de vestimentas adequadas e associação à violência. Do mesmo modo, Del Vecchio e Franchini (2006) consideram que a dificuldade em tratar este tema na escola está relacionada com a formação do profissional de Educação Física que, em muitos casos, frequenta uma graduação deficiente em relação a este conteúdo, que se restringe à apenas uma modalidade, como o judô ou a capoeira, por exemplo, ou mesmo nem o discute. Corroborando com o exposto, Nascimento (2007) afirma que, a inserção das lutas nas aulas de Educação Física se depara com barreiras que prejudicam ou até mesmo inviabilizam seu processo de ensino aprendizagem, como: a falta de vivência pessoal em lutas por parte dos professores de Educação Física, tanto no cotidiano de

vida, quanto no âmbito acadêmico e a preocupação com o fator violência, que julgam ser intrínseco a este conteúdo, o que incompatibiliza a possibilidade de sua abordagem na escola.

Em contraponto a essas afirmações, argumentamos que não é necessário que o professor de Educação Física seja especialista em alguma modalidade de luta para ensinar este conteúdo em suas aulas, pois no ambiente escolar a proposta não deve ser formar atletas, mas sim, proporcionar atividades práticas que remetam à Cultura Corporal de movimento, valorizando os aspectos culturais e filosóficos inerentes às lutas (SO e BETTI, 2009). Neste sentido, o professor que não conhece o assunto apropriadamente, pode também aprender sobre ele em livros, revistas, internet e até mesmo com os próprios alunos (CARREIRO, 2005).

Concluímos, portanto, que não é necessário que o professor de Educação Física escolar tenha profundos conhecimentos das lutas para que este tema possa ser abordado nas aulas de Educação Física escolar, mas que por meio de elementos básicos possibilite aos alunos: conhecer, praticar, refletir e discutir este elemento da Cultura Corporal de movimento, desmistificando sua correlação com a violência.

Neste contexto, apresentaremos no tópico seguinte, os **aspectos históricos e filosóficos do Karatê-Do**.

1.2 Aspectos históricos e filosóficos do Karatê-Do

No tópico anterior, discutimos sobre a legitimidade do tema lutas na Educação Física e contra argumentamos as barreiras que restringem seu ensino na escola. Considerando o objeto de nossa pesquisa de campo, a prática do Karatê-Do no Programa Escola da Família, apresentamos aspectos históricos e filosóficos desta arte marcial específica.

O Karatê-Do é uma luta de origem japonesa que se fundamenta em aspectos culturais e filosóficos orientais, para fornecer subsídios para o desenvolvimento do corpo e da mente do praticante. Surgiu na Ilha de Okinawa (Sul do Japão) no princípio do século XVIII, mas foi somente no início do século XX que o Karatê-Do passou por um processo de expansão, quando foi implantado em universidades, ganhou força no

oriente e hoje é praticado no mundo todo. O precursor do estilo Shotokan foi o Mestre Gishin Funakoshi (1868-1957).

A origem histórica do Karatê-Do sofre uma carência de documentos, por este motivo não há registros que permitam afirmar qual foi o local exato de seu surgimento e desenvolvimento:

Por não haver praticamente nenhum material escrito sobre a história do início do karatê, não saberemos quem inventou e desenvolveu, e nem mesmo onde teve origem e evoluiu. Sua história inicial pode apenas ser deduzida a partir de lendas antigas que nos foram transmitidas oralmente, e elas, como a maioria das lendas, tendem a ser criações imaginárias e provavelmente incorretas (FUNAKOSHI, 1976, p. 42).

As palavras “*Kara*” – Vazio; “*Te*” – mão e “*Do*” – caminho, formam a expressão “*Caminho das mãos vazias*”. O significado deste termo vai além da característica desta luta, a de ser praticada sem armas, o que nos remete à necessidade do Karateca esvaziar sua mente de pensamentos negativos para encontrar a verdadeira essência da arte marcial.

Um vale vazio pode ecoar o som da voz, do mesmo modo a pessoa que segue o caminho do karatê deve esvaziar-se livrando-se de todo egoísmo e ambição. Tornar-se vazio interiormente, mas reto por fora. Este é o significado verdadeiro de “vazio” no karatê (FUNAKOSHI, 1988, p. 25).

Os elementos culturais e filosóficos presentes no Karatê-Do podem ser trabalhados e compreendidos na escola como meios de auxílio ao desenvolvimento de aspectos educacionais, a formação do caráter e as relações interpessoais entre os alunos, com seus professores e familiares.

A prática correta do Karatê-Do , assim como outras artes marciais, através de seus aspectos sociais, afetivos, culturais, filosóficos, educativos, de evolução motora e outros; busca o equilíbrio e a harmonia do ser (VIANNA, 1997 p. 6).

No que tange à questão cultural japonesa, o Karatê-Do mantém certos costumes que nos remetem às origens desta arte marcial, como por exemplo, a

indumentária, a hierarquia e a forma de se cumprimentar nos treinamentos e em eventos da modalidade.

Os aspectos filosóficos do Karatê-Do foram desenvolvidos e aperfeiçoados pelo Mestre Funakoshi, para que o praticante melhorasse sua concentração e tivesse mais controle sobre suas emoções. Para tanto, criou o Niju-Kun que representa seus vinte ensinamentos e o Dojo-Kun que traz uma reflexão sobre as virtudes e atitudes do karateca dentro e fora do local de treinamento:

1. Esforçar-se para a formação do caráter.
2. Fidelidade para com o verdadeiro caminho da razão.
3. Criar o espírito de esforço.
4. Respeito acima de tudo.
5. Conter o espírito de agressão (SASAKI, 1991, p. 16).

Os benefícios da prática do Karatê-Do estão relacionados a aspectos voltados para a manutenção da saúde física e psicológica, além de influenciar o desenvolvimento do autocontrole e das relações interpessoais. Esta luta compõe um método prático de defesa pessoal que parte do princípio de que, quem aprende Karatê-Do jamais antecipa um ataque, pois sua filosofia é: a cortesia, a educação e o respeito ao próximo (TRAMONTIN, 2008).

Desta forma, Sasaki (1991, p. 21) traz que, para viabilizar este amplo aprendizado, cabe ao professor de Karatê:

1. O mestre de karatê deve dedicar-se ao estudo dos aspectos técnicos e filosóficos dessa arte, para que esteja apto a fazer sua adequação conforme os objetivos individuais, na prática do ensino. Esses objetivos devem ser dosados de acordo com a idade, sexo, nível cultural e habilidade dos praticantes.
2. Cumprir conscientizar-se de que a prática do karatê visa ao aprimoramento da personalidade e da técnica.
3. Planejar os treinos com objetivos diários, mensais e anuais, adequando-os ao nível dos alunos.
4. Para orientar os principiantes, enfatizar sempre a metodologia correta em relação à base, postura e eficiência dos golpes; essa metodologia deve harmonizar-se com os princípios da biomecânica dos movimentos. É útil buscar também novas motivações para as aulas.

5. Aos veteranos, mostrar o caminho correto a trilhar, indicando os reais objetivos da prática do karatê no sentido shu-gyo², visando ao satori (libertação).
6. Criar hábitos de leitura e pesquisa em relação ao karatê.
7. O professor deve, ele próprio, exercitar-se na disciplina e autocontrole, fazendo que suas atitudes e procedimentos manifestem suas convicções, para exemplo e orientação dos alunos.

O autor aponta o entrelaçamento entre os aspectos técnicos e filosóficos do Karatê-Do e afirma a importância em estudar e criar hábitos de leitura e pesquisa sobre estes conteúdos. Neste sentido, consideramos esta arte marcial uma prática contemporânea, que possui um referencial teórico com riqueza de informações, partindo principalmente das obras do Mestre Gishin Funakoshi e de seus sucessores.

Concluimos que o Karatê-Do é uma arte marcial fundamentada em aspectos históricos e filosóficos da cultura oriental e que sua prática, assim como as discussões e reflexões acerca dos elementos inerentes a ela, compõem um conteúdo possível de ser ensinado na Educação Física escolar. Portanto, cabe ao professor, considerar os objetivos de suas aulas, buscar subsídios teóricos e propor atividades práticas para mediar o processo de ensino-aprendizagem com seus alunos.

Neste capítulo, discorreremos sobre a abordagem do tema lutas na Educação Física escolar e a prática do Karatê-Do como uma proposta pedagógica que possibilita aos alunos, praticar e discutir este elemento da Cultura Corporal de movimento, desmistificando sua correlação com a violência escolar.

1.3 Agressividade, violência e violência escolar

Ao propor reflexões sobre a **violência escolar**, devemos levar em consideração o entendimento deste fenômeno a partir da definição dos conceitos de **agressividade e violência**.

Freud (1996), em seu trabalho intitulado O mal estar na civilização, inicialmente publicado em 1930, afirma que a **agressividade** é inata ao ser humano. A existência desta inclinação para a agressão está relacionada a um impulso que pode ser direcionado para atos de violência (destruição) ou para atividades ligadas à criação (construção). Neste sentido, o autor explica que a civilização tem o papel de organizar e

² Termo em japonês que se refere ao fortalecimento do corpo e da mente por meio do treinamento.

controlar as forças instintivas do homem, gerando, portanto um mal-estar representado pela substituição de parte da felicidade presente na satisfação dos instintos, por uma parte de segurança garantida pela vida social:

A existência da inclinação para a agressão, que podemos detectar em nós mesmos e supor com justiça que ela está presente nos outros, constitui o fator que perturba nossos relacionamentos com o nosso próximo e força a civilização a um tão elevado dispêndio [de energia]. Em consequência dessa mútua hostilidade primária dos seres humanos, a sociedade civilizada se vê permanentemente ameaçada de desintegração. O interesse pelo trabalho em comum não a manteria unida; as paixões instintivas são mais fortes que os interesses razoáveis. A civilização tem de utilizar esforços supremos a fim de estabelecer limites para os instintos agressivos do homem e manter suas manifestações sob controle por formações psíquicas reativas. (Freud, 1996, p. 117).

Com isso, entendemos que este impulso pode ser educado de acordo com o que é determinado culturalmente, ou seja, direcionado para atitudes aceitas socialmente. Sobre a correlação, muitas vezes equivocada, entre agressividade e violência, Costa (1984, p. 30) evidencia a diferença entre estes dois termos:

[...] é porque o sujeito violentado (ou observador externo à situação) percebe no sujeito violentador o desejo de destruição (desejo de morte, desejo de fazer sofrer) que a ação agressiva ganha o significado de ação violenta (grifo do autor).

Para o autor, a ação agressiva ganha o sentido de ação violenta quando é percebida no sujeito violentador, a intenção de causar dano ao outro. Assim, quando se trata da pura expressão do instinto, ou quando não traduz um desejo de destruição, não é considerada nem pelo sujeito, nem pelo agente, nem pelo observador como uma ação violenta.

Neste sentido, a agressividade que causa dano, denominada **violência**, advém do mesmo impulso que expressa o instinto criativo. Considera-se, portanto, a mesma agressividade, “[...] o que mudou foi como o meio acolheu este gesto, que de criativo passou a ser reativo” (VILHENA e MAIA, 2002, p. 42).

A Organização Mundial de Saúde (2002, p. 5) refere-se à violência como:

[...] uso intencional de força física ou poder, em forma de ameaça ou praticada, contra si mesmo, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou comunidade que resulta ou tem uma grande possibilidade de ocasionar ferimentos, morte, consequências psicológicas negativas, mau desenvolvimento ou privação.

Entendemos a violência como um fenômeno social dinâmico, mutável de acordo com o momento histórico, a localidade e o contexto cultural. Seus significados, suas dimensões e representações passam por adaptações à medida que as sociedades se transformam (ABRAMOVAY, 2006). Com isso, percebemos que o significado de violência não é consensual e, por este motivo, torna-se também difícil definir e delimitar as fronteiras da **violência escolar** (CHARLOT, 1997 apud ABRAMOVAY e RUA, 2002).

Temos como exemplo, as diferentes situações utilizadas para caracterizar este fenômeno. Na Inglaterra, violência escolar refere-se aos casos de conflitos entre estudantes e professores, ou nos casos de atitudes que levam à suspensão, atos disciplinares e prisão (CURCIO e FIRST, 1993; FLANNERY, 1997 apud ABRAMOVAY, 2002). Na França, Debarbieux (2002) identificou três tipos de violência escolar após realizar uma pesquisa: a violência penal que envolve crimes e delitos como, extorsão, roubos, agressões, racismo e insulto; as incivildades; e o sentimento de insegurança. Nos Estados Unidos, diversas pesquisas sobre violência na escola recorrem à expressão delinquência juvenil (HAYDEN e BLAYA, 2001 apud ABRAMOVAY, 2002).

Neste estudo, seguiremos a linha de Charlot (1997 apud ABRAMOVAY e RUA, 2002) que consideram que a violência escolar pode ocorrer em três níveis: a **violência física**, caracterizada por golpes, ferimentos, violência sexual, roubos, crimes e vandalismo, as **incivildades** como, humilhações, palavras grosseiras e falta de respeito e, a **violência simbólica ou institucional** manifestada na falta de sentido em permanecer na escola por tantos anos, ensino com desprazer que obriga o jovem a aprender matérias e conteúdos alheios a seus interesses e a violência existente na relação de poder.

Percebemos a escola como uma instituição integrante da sociedade, que sofre os reflexos e reproduz a violência no seu cotidiano. Considerando a importância deste ambiente para o desenvolvimento das habilidades sociais e a formação do cidadão

crítico, julgamos necessário refletir sobre alternativas para educar os alunos sobre a violência. Neste sentido, traremos no próximo capítulo, apontamentos sobre o Programa Escola da Família.

CAPÍTULO 2

PROGRAMA ESCOLA DA FAMÍLIA: A CULTURA DE PAZ E A NÃO VIOLÊNCIA

No capítulo anterior, discorremos sobre os termos agressividade, violência e violência escolar. Considerando as alternativas para educar os alunos sobre este tema, apresentaremos neste capítulo, o propósito do **Programa Escola da Família**, sua **estrutura gerencial** e a proposta das aulas de **Karatê-Do** neste espaço.

2.1 O Programa Escola da Família

A Assembleia Geral das Nações Unidas proclamou pela sua resolução 53/25 de 10 de Novembro de 1998, a **Década Internacional de uma Cultura de Paz e Não Violência** para as Crianças do Mundo, durante o período 2001-2010. O conceito de **Cultura de Paz** foi formulado no Congresso Internacional sobre a Paz nas Mentes dos Homens, realizado na Costa do Marfim em 1989. A resolução 53/243, Declaração e Programa de Ação sobre uma Cultura de Paz o define como:

Um conjunto de valores, atitudes, comportamentos e modos de vida que rejeitam a violência e previnem os conflitos, atacando suas causas para resolver os problemas através do diálogo e negociação entre indivíduos, grupos e nações. (A/RES/53/243 apud NOLETO, 2008, p. 21).

Em 04 de Março de 1999, um grupo de laureados do Prêmio Nobel da Paz, que se reuniu em Paris para o 50º aniversário da Declaração Universal dos Direitos Humanos, celebrou a data com a elaboração de um texto intitulado Manifesto 2000. Este documento afirma que é da responsabilidade de cada ser humano traduzir os valores, atitudes e padrões de comportamento que inspiram a **Cultura de Paz** e a **Não Violência** em realidades da vida diária.

Entre os primeiros cidadãos a assinar o Manifesto 2000 estão: Norman Borlaug, Adolfo Pérez Esquivel, Dalai Lama, Mikhail Gorbachev, Mairead Corrigan, Nelson Mandela, Rigoberta Menchú Tum, Shimon Peres, Jose Ramos-Horta, Joseph Rotblat, Desmond Mpilo Tutu, David Trimble, Elie Wiesel e Carlos Filipe Ximenes Belo.

Ao assinar este documento, as pessoas comprometiam-se a:

Respeitar a vida e a dignidade de cada pessoa, sem discriminação ou preconceito.

Praticar a não-violência ativa, rejeitando a violência sob todas as suas formas: física, sexual, psicológica, econômica e social, em particular contra os grupos mais desprovidos e vulneráveis como as crianças e os adolescentes.

Compartilhar o meu tempo e meus recursos materiais em um espírito de generosidade visando o fim da exclusão, da injustiça e da opressão política e econômica.

Defender a liberdade de expressão e a diversidade cultural, dando sempre preferência ao diálogo e à escuta do que ao fanatismo, à difamação e à rejeição do outro.

Promover um comportamento de consumo que seja responsável e práticas de desenvolvimento que respeitem todas as formas de vida e preservem o equilíbrio da natureza no planeta.

Contribuir para o desenvolvimento da minha comunidade, com a ampla participação da mulher e o respeito pelos princípios democráticos, de modo a construir novas formas de solidariedade. (Manifesto 2000, apud NOLETO, 2008, p. 22, grifo do autor).



Figura 1: Manifesto 2000, disponível em www3.unesco.org/manifesto2000.

Em 15 de Maio de 2000, foi assinado um protocolo de intenções entre a Secretaria da Justiça e da Defesa da Cidadania e a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) que engajou o Governo do Estado de São Paulo no Manifesto 2000, com o intuito de divulgar e coletar assinaturas. Com isso a Secretaria Estadual de Educação também aderiu ao movimento e, neste contexto surgiu o Programa Escola da Família.

O Programa Escola da Família foi criado no dia 23 de Agosto de 2003 pela Secretaria de Educação do Estado de São Paulo (SEE/SP) e a ele atribuiu-se a incumbência de colaborar para a redução dos índices de violência na unidade escolar e no seu entorno, além de desenvolver a relação entre a escola e as populações de suas cidades (SÃO PAULO, 2005).

A proposta do programa é proporcionar a abertura de escolas da rede pública estadual, aos finais de semana, com o objetivo de criar uma cultura de paz, despertar potencialidades e ampliar os horizontes culturais de seus participantes, em consonância com os princípios básicos da política educacional do Estado de São Paulo. Dentre esses princípios, salientam-se:

1. Inclusão, no sentido do respeito às diferenças, da valorização da convivência pacífica e democrática e do acolhimento das diferentes situações sociais;
2. Participação, no sentido de vitalizar a interação entre alunos e educadores e definir um papel ativo para a comunidade no espaço escolar;
3. Autonomia, no sentido de alunos, educadores e pais participarem do projeto pedagógico, tendo como parâmetro a função social da educação escolar e levando em conta a realidade e as necessidades locais. (SÃO PAULO, 2004 p. 19).

Um balanço realizado em Julho de 2012 aponta que o Programa Escola da Família está implantado em todas as 91 Diretorias Regionais de Ensino, somando o número de 2.685 escolas em 619 municípios e que mais de 3 milhões de pessoas já participaram desta iniciativa, que conta com o apoio de 4.269 educadores, 14.947 estudantes universitários e 15.263 voluntários.

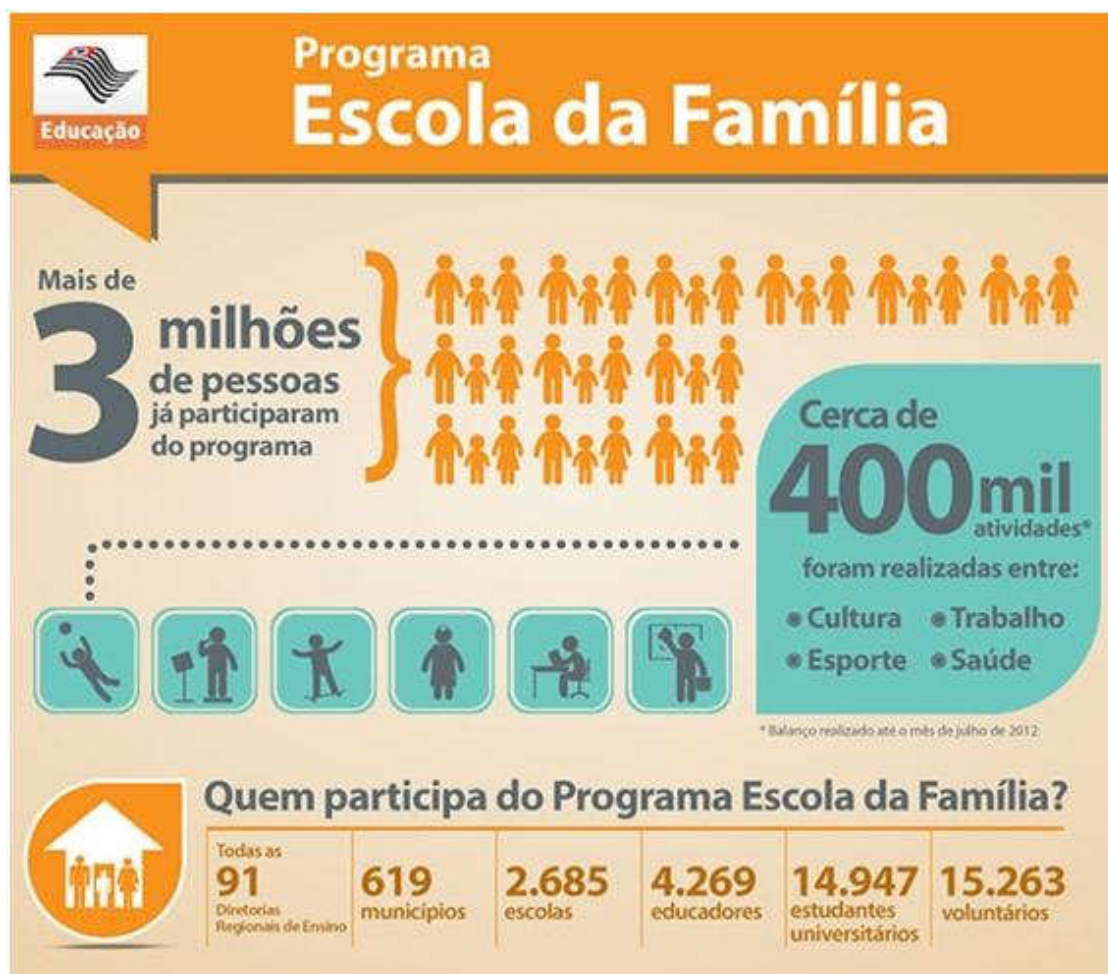


Figura 2: Programa Escola da Família, balanço realizado até julho/2012, disponível em www.escoladafamilia.fde.sp.gov.br.

Conhecendo esses dados referentes ao projeto, pode-se entender melhor a dimensão e a importância que essa proposta representa para toda comunidade interna e externa à escola, a qual toda a família se beneficia com as atividades realizadas no ambiente escolar.

O convite para refletir e agir pela paz, vem por meio das cerca de 400 mil atividades propostas pelo Programa Escola da Família, nos seguintes eixos: Saúde, Cultura, Esporte e Trabalho. Importante destacar que as atividades variam de acordo com o interesse dos frequentadores, disponibilidade de materiais e até mesmo a habilidade individual dos monitores.

Número de atividades por eixo

EIXO	CEI	COGSP GRANDE SP	COGSP CAPITAL	TOTAL
Cultura	87.331	17.089	9.534	113.954
Esporte	99.769	17.156	11.399	128.324
Saúde	25.620	2.405	2.124	30.149
Trabalho	26.026	2.808	2.139	30.973
TOTAL	238.746	39.458	25.196	303.400

Quadro 1: Número de atividades por eixo, data base junho 2012, disponível em www.escoladafamilia.fde.sp.gov.br.

Na Escola³ em que realizamos o estudo, as atividades são oferecidas, para aproximadamente 100 frequentadores ao longo do dia, sendo a maioria deles crianças e adolescentes com idades entre 06 e 18 anos.

O eixo **saúde** é explorado por palestras mensais que abordam temas como, “Alimentação Saudável” e “Boas práticas de higiene”.

O eixo **cultura** conta com um espaço reservado para leitura denominado “Cantinho da Leitura”, no qual estão disponíveis livros, revistas e gibis, além de exibições de filmes de curta metragem. Ainda neste eixo, encontramos jogos como, damas e xadrez, dominó, futebol de botão e quebra cabeças, brinquedos e a oficina de pipas. É interessante destacarmos que os monitores participam ativamente das atividades, auxiliando os frequentadores na definição das regras e nas formas de jogo, além de ensinar novas possibilidades de brincadeiras.

Sobre o eixo **esporte**, além da disponibilidade de materiais como arcos, bolas e cordas, o programa utiliza o espaço das quadras e o tênis de mesa. Existe também uma programação específica para as atividades dirigidas, oferecidas gratuitamente: Futsal, Voleibol, Capoeira e Karatê.

As atividades relacionadas ao eixo **trabalho** correspondem a cursos de qualificação profissional, entretanto esta área ainda não está bem estruturada na Escola. Foram realizadas algumas oficinas de artesanato, mas o foco principal é oferecer um curso de informática que necessita de uma sala apropriada para atender ao público. Ao proporcionar atividades deste eixo se espera maior aproximação da comunidade ao ambiente escolar, estreitando a relação entre a família e a equipe de monitores.

³ Escreveremos “Escola” com “E” maiúsculo, quando nos referirmos à unidade de ensino onde o estudo foi realizado.

2.2 A estrutura gerencial do Programa Escola da Família

Conhecemos a estrutura gerencial do Programa Escola da Família por meio da Educadora Profissional responsável pela organização do programa na Escola e da análise do documento intitulado Manual Operativo do Programa Escola da Família – 2012 (SÃO PAULO, 2012).

A gestão do Programa é compartilhada entre a Coordenadoria de Gestão da Educação Básica (CGEB), Secretaria de Estado da Educação (SEE) e a Diretoria de Projetos Especiais (DPE) da Fundação para o Desenvolvimento da Educação (FDE), órgão executor do Programa Escola da Família, com a colaboração das Coordenações Regionais e Locais.

Coordenação Central

A Secretaria de Estado da Educação, por meio da Coordenadoria de Gestão da Educação Básica (CGEB) e da Fundação para o Desenvolvimento da Educação (FDE), exercerá a Coordenação Central do Programa, com as seguintes atribuições:

- a. Definir objetivos, metas e ações em conformidade com a política educacional vigente na Secretaria da Educação;
- b. Planejar, coordenar, acompanhar, avaliar e reformular, sempre que necessário, os trabalhos desenvolvidos;
- c. Atualizar e rever sempre este Manual Operativo;
- d. Promover o envolvimento e o comprometimento das autoridades escolares locais e regionais na implementação do Programa;
- e. Organizar e executar ações de capacitação dos educadores que atuarão no Programa, com vistas à consecução dos objetivos estabelecidos;
- f. Auditar e supervisionar o uso de recursos e verbas destinados às Coordenações Regionais do Programa (SÃO PAULO 2012, p. 2).

Coordenação Regional

Com o intuito de colaborar para uma gestão descentralizada e participativa, a Coordenação Regional tem como princípio, sempre que solicitada, elaborar e encaminhar relatórios, indicando os fatores de sucesso e os aspectos a serem reajustados, apresentando sugestões e encaminhamentos, contribuindo de maneira

transparente para o fluxo de informações entre a Coordenação Central e Local, além de alimentar com informações (relatórios de visitas), o Sistema Gerencial do Programa Escola da Família. Dentre suas atribuições, destacamos:

- a. Supervisionar, propor, implementar e avaliar as ações necessárias para o desenvolvimento do Programa Escola da Família nas Unidades Escolares, de maneira que sejam compatíveis com as diretrizes estabelecidas pela política educacional da SEE;
- b. Auxiliar no acompanhamento das atividades desenvolvidas nas unidades escolares, propondo reformulações e adaptações das ações do Programa, quando necessárias (SÃO PAULO, 2012, p. 3).

Coordenação Local

A Coordenação Local, composta pelo Diretor da Unidade Escolar, pelo Gestor e pelo Educador Profissional da Escola Estadual / Municipal ou pelo Diretor e Vice-Diretor, tem como atribuições:

- a. Organizar a Unidade Escolar aos finais de semana para o bom andamento do Programa Escola da Família;
- b. Gerir a equipe de Educadores Universitários e Voluntários;
- c. Organizar as atividades na escola e o seu espaço físico (SÃO PAULO, 2012, p. 4).

Educadores do Programa

O corpo de educadores do Programa Escola da Família é composto pelo Dirigente Regional de Ensino, Supervisor de Ensino, Professor Coordenador do Núcleo Pedagógico – Projetos Especiais, Diretor de Escola, Gestor, Vice-Diretor, Educador Profissional, Agente de Organização Escolar, Educador Universitário e Educador Voluntário.

2.3 A proposta das aulas de Karatê-Do no Programa Escola da Família

O Karatê-Do é uma das atividades oferecidas pelo Programa Escola da Família, presente nesta Escola desde 2008. Neste período, mais de 150 alunos

participaram das aulas e, atualmente, o grupo é formado por 40 alunos, de ambos os gêneros, com faixa etária entre 6 e 25 anos.

Em consonância aos princípios sociais, culturais e educacionais que norteiam o programa, as intervenções pedagógicas do Karatê-Do objetivam resgatar os valores e a cultura, auxiliar na formação do caráter dos alunos, desenvolver suas habilidades sociais e o sentimento de pertencimento, estimular o autocontrole e o autoconceito, educá-los sobre a violência e atribuir um significado diferenciado ao processo de ensino-aprendizagem do conteúdo lutas.

Neste sentido, as aulas são fundamentadas em uma proposta que valoriza a opinião dos alunos, a relação de respeito e companheirismo entre os participantes, as dinâmicas de grupo, as rodas de conversa e debate e as atividades lúdicas, contextualizadas em práticas específicas do Karatê-Do como: kihon (fundamentos básicos de defesa e ataque), kata (exercícios práticos que simulam uma luta), bunkai (estudo das aplicações práticas de um kata) e o shiai kumite (combate com regras estabelecidas).

As **aulas semanais** são planejadas de acordo com o cronograma semestral, que também contempla a organização de eventos como: **“aulão”, aula dos grupos facilitadores, graduação de faixa, festival de Karatê-Do e confraternização.**

As **aulas semanais** acontecem aos sábados e domingos e têm duração de duas horas cada. Por meio de aquisições realizadas pelo Programa Escola da Família e de doações de parceiros e amigos, o grupo utiliza materiais como: kimonos (vestimenta tradicional japonesa), protetores de mão, canela e pé, tatame, aparadores de chute e um saco de pancadas. Nesta mesma dinâmica, o **“aulão”** acontece uma vez por mês e conta com a participação de alunos que praticam Karatê-Do em outros projetos. Este evento proporciona maior interação e troca de experiências entre os diferentes grupos.

Mensalmente, também é realizada a **aula dos grupos facilitadores**, na qual os alunos, dispostos em pequenos grupos, são estimulados a refletir sobre os elementos que compõem a aula e, a criar alternativas didáticas para praticá-los, sendo: **condicionamento físico e kihon, kata e bunkai, shiai kumite e, aspectos históricos, filosóficos do Karatê-Do e gestão de eventos.** As atividades são apresentadas para todo o grupo e desenvolvidas com a mediação do professor, proporcionando

consequentemente, a união entre os eixos temáticos e os eixos de conteúdo inerentes a esta arte marcial.

A **graduação de faixa** é um evento semestral que marca o caminho traçado pelos alunos, caracterizado por um processo contínuo de aprendizagem. A mudança progressiva das faixas representa a evolução da experiência e da maturidade do aluno na prática do Karatê-Do, sua relação de harmonia com o grupo e sua capacidade reflexiva. Trata-se de uma proposta que abrange a diversidade do grupo e compreende o aluno na sua particularidade, como indivíduo que possui expectativas, potencialidades, habilidades sociais, experiências culturais, escalas de valores, sentimentos, com lógicas de comportamento e hábitos que lhe são próprios (DAYRELL, 1996).

Neste sentido, o **festival de Karatê-Do** é um evento composto por demonstrações e competições de kata, bunkai e shiai kumite que acontece trimestralmente. Esta proposta socioeducativa objetiva estimular a integração e a troca de experiências entre os alunos, explorar suas capacidades e potencialidades, desenvolver o autocontrole o autoconceito e suas habilidades sociais.

A **confraternização** é o evento de encerramento do semestre. Os alunos organizam demonstrações de **kata** e **bunkai** para homenagear os familiares e amigos que, em seguida, comemoram juntos a entregam das novas faixas.

Apresentados, portanto o tema e o contexto no qual o estudo foi desenvolvido, esclareceremos no próximo capítulo o método utilizado nesta pesquisa.

CAPÍTULO 3

DESCRIÇÃO DO MÉTODO

3.1 A pesquisa

Utilizamos abordagem qualitativa, que segundo Thomas e Nelson (2002), tem como objetivo a descrição, a compreensão e a atribuição de significados aos fenômenos que são objetos de estudo. Trata-se de um estudo de caso, envolvendo adolescentes alunos dos ensinos fundamental e médio de uma escola da Rede Pública Estadual situada na periferia da cidade de Campinas-SP, que participam das aulas de Karatê-Do do Programa Escola da Família, seus respectivos professores e a equipe gestora da escola. Segundo Triviños (1987), o estudo de caso parte de pressupostos teóricos iniciais, mas procura manter-se constantemente atento a novos elementos emergentes e importantes para discutir a problemática em questão.

Considerando que o campo no qual o estudo foi realizado, trata-se do local onde o pesquisador atua como professor de Karatê-Do. Com o intuito de considerarmos os diferentes pontos de vista entre as pessoas envolvidas com a pesquisa, utilizamos como fonte de informação a entrevista semiestruturada; entendendo que este instrumento metodológico, segundo Triviños (1987, p. 146).

[...] parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida em que se recebem as respostas do informante.

Esse mesmo autor ensina que a entrevista semiestruturada “[...] favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade [...]” (Ibid, 1987, p. 152). Dessa forma, as entrevistas tiveram um roteiro previamente elaborado, baseado nas questões norteadoras da pesquisa. Analisamos também, as fichas individuais de ocorrências referentes ao ano de 2012, descritas posteriormente.

O projeto de pesquisa foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da UNICAMP e aprovado sob o parecer 254.445 e os Termos de

Consentimento Livre e Esclarecido foram assinados pelos pais ou responsáveis e pelos demais participantes maiores de idade em duas vias.

3.2 A Escola

Este estudo foi realizado em uma escola da Rede Pública Estadual do Município de Campinas-SP. De acordo com as gestoras, a Escola oferece o Ensino Médio no período matutino e o Ensino Fundamental segundo ciclo no período vespertino, sendo 498 o número total de alunos matriculados nos dois níveis de ensino. No período noturno, acontecem aulas do Curso Técnico, uma extensão de outra instituição de ensino.

Além do Programa Escola da Família, detalhado no capítulo anterior, a Escola também é contemplada com o Programa Mais Educação, que proporciona aos alunos, no contraturno escolar, atividades optativas agrupadas em macrocampos como: acompanhamento pedagógico, meio ambiente, esporte e lazer, direitos humanos, cultura e artes, cultura digital, prevenção e promoção da saúde, educomunicação, educação científica e educação econômica (BRASIL 2007).

A Escola localiza-se na região periférica do Município de Campinas, que corresponde a uma malha urbana em formação. A falta de infraestrutura adequada, proveniente de um crescimento desordenado da região iniciado na década de 1980, foi uma das principais causas do surgimento de comunidades como a que circunda a Escola.

Consideramos o espaço físico da Escola amplo, tendo: três quadras, uma de voleibol descoberta, uma de futsal descoberta e uma poliesportiva coberta, na qual são realizadas as aulas de Karatê-Do; um pátio com sistema de som e iluminação fixos, banheiros, bebedouros, mesas para jogos (tênis de mesa, damas, xadrez, quebra-cabeças, lego e futebol de botão), para leitura (livros, gibis) e desenho livre; áreas verdes com árvores, gramados e canteiros para horta; o prédio é composto por três pavilhões, dois com salas de aula e outro com a sala dos professores, informática, Educação Física e secretaria.

3.3 Os participantes do estudo

Fizeram parte deste estudo 8 adolescentes, sendo 4 meninas e 4 meninos com idades entre 12 e 16 anos. Selecionamos os participantes respeitando os seguintes critérios: ter sido matriculado nos Ensinos Fundamental ou Médio da Escola por pelo menos um ano, em 2012, praticar Karatê-Do no Programa Escola da Família ao menos duas vezes por semana a no mínimo um ano, concordar em participar do estudo e também, ter o aceite dos pais ou responsável por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, em anexo.

A partir disso, realizamos um levantamento para conhecer os professores que ministraram aulas para estes alunos envolvidos no estudo, por pelo menos um ano, em 2012. Todos os 5 docentes que atendiam a estes critérios concordaram em participar desta pesquisa, sendo 3 mulheres e 2 homens com idades entre 28 e 51 anos que lecionam nas áreas de Ciências, Educação Física, História, Inglês e Português e Matemática com tempo de trabalho na Escola entre 1 ano e seis meses e 8 anos.

Considerando o espaço no qual Projeto de Karatê-Do está inserido, contatamos a Educadora Profissional do Programa Escola da Família que aceitou fazer parte deste estudo. A equipe gestora autorizou a realização da pesquisa na Escola e, a Diretora e a Vice-Diretora concordaram em participar das entrevistas.

Com o intuito de conhecermos melhor os participantes do estudo, descrevemos informações sobre os mesmos. Criamos nomes fictícios para cada um deles a fim de preservarmos o anonimato.

Os alunos

Brenda, 12 anos. Estuda nesta Escola há 2 anos e 6 meses e cursa o 8º ano do Ensino Fundamental. Pratica Karatê-Do há 2 anos e 6 meses e é graduada 3º Kyu (Faixa Verde).

Bruna, 12 anos. Estuda nesta Escola há 2 anos e 6 meses e cursa o 8º ano do Ensino Fundamental. Pratica Karatê-Do há 2 anos e é graduada 4º Kyu (Faixa Laranja).

Daniele, 15 anos. Estudou nesta Escola durante 4 anos e atualmente cursa o 1º ano do Ensino Médio em um Colégio Técnico Estadual em Campinas. Praticou Karatê-Do por 3 anos e é graduada 3º Kyu (Faixa Verde).

Tamires, 13 anos. Estuda nesta Escola há 2 anos e 6 meses e cursa o 8º ano do Ensino Fundamental. Pratica Karatê-Do há 2 anos e 6 meses e é graduada 3º Kyu (Faixa Verde).

Douglas, 16 anos. Estuda nesta Escola há 5 anos e 6 meses e cursa o 2º ano do Ensino Médio. Pratica Karatê-Do há 4 anos e é graduado 3º Kyu (Faixa Verde).

Leonardo, 15 anos. Estuda nesta Escola há 5 anos e 6 meses e cursa o 2º ano do Ensino Médio. Pratica Karatê-Do há 4 anos e é graduado 3º Kyu (Faixa Verde).

Luan, 15 anos. Estudou nesta Escola durante 2 anos e atualmente cursa o 1º ano do Ensino Médio em outra Unidade de Ensino da Rede Pública Estadual em Campinas.

Marcelo, 13 anos. Estuda nesta Escola há 2 anos e 6 meses e cursa o 8º ano do Ensino Fundamental. Pratica Karatê-Do há 2 anos e seis meses e é graduado 3º Kyu (Faixa Verde).

Os professores

Professora Jéssica, 32 anos. Formada em Letras é professora há 6 anos e trabalha nesta Escola como Educadora Profissional do Programa Escola da Família há 3 meses.

Professora Júlia, 30 anos. Formada em Matemática é professora há 8 anos e trabalha nesta Escola também há 8 anos. Leciona atualmente a disciplina para o 9º ano do Ensino Fundamental.

Professora Mirela, 28 anos. Formada em Letras é professora há 7 anos e trabalha nesta Escola há 1 ano e 6 meses. Leciona as disciplinas de Português e Inglês para os alunos dos Ensinos Fundamental e Médio.

Professora Samanta, 51 anos. Formada em Matemática é professora há 25 anos e trabalha nesta Escola há 2 anos e seis meses. Leciona as disciplinas de Ciências e Matemática para os Ensinos Fundamental e Médio.

Professor João, 40 anos. Formado em História é professor há 8 anos e trabalha nesta Escola há 4 anos. Leciona a disciplina para os alunos do Ensino Fundamental e Médio.

Professor Waldir, 44 anos. Formado em Educação Física é professor há 19 anos, trabalha nesta Escola há 5. Leciona a matéria para o Ensino Fundamental.

A equipe gestora

Diretora Diana, 49 anos. É educadora há 13 anos e exerce o cargo de Diretora desta Escola há 1 ano e 9 meses.

Vice-Diretora Andréia, 41 anos. Formada em Artes Plásticas é professora há 19 anos e trabalha nesta escola há 10 anos. Lecionou a disciplina de Artes para o Ensino Fundamental durante 7 anos e exerce o cargo de Vice-Diretora há 3 anos.

3.4 A coleta de dados

Realizamos a coleta dos dados por meio da consulta das Fichas Individuais de Ocorrência, referentes ao ano de 2012, dos alunos que praticam Karatê-Do e estão matriculados nos ensinos fundamental e médio da Escola. Neste documento, a equipe gestora da Escola anota as situações indisciplinares em que os alunos se envolvem. Ao consultá-las, buscamos conhecer quais os tipos de incidentes relatados pelos

educadores, que se correlacionam com: a postura em sala de aula, o relacionamento interpessoal e o comportamento escolar violento.

Realizamos, também, entrevistas semiestruturadas com estes alunos, seus respectivos professores e as gestoras da Escola. As entrevistas foram gravadas na própria instituição de ensino, em horários previamente agendados e, posteriormente, transcritas. A entrevista com os alunos foi composta por perguntas relacionadas ao autoconceito, autocontrole, comportamento escolar, relações interpessoais com seus pares, professores e familiares, e entendimento dos conceitos filosóficos do Karatê-Do. A equipe gestora e os professores foram questionados sobre a relação entre aluno-professor, percepções sobre o tema violência escolar, importância da prática de lutas na Escola e a influência da prática do Karatê-Do no comportamento escolar. A partir da revisão de literatura e dos objetivos da pesquisa, elaboramos os seguintes roteiros de entrevista:

Entrevista com os alunos

1. O que você sente pela escola? O que você mais gosta na escola? Como você descreve seu comportamento na escola?
2. Como você reage quando passa por alguma situação de estresse na escola?
3. Como é seu relacionamento com seus colegas de classe, professores, funcionários da escola e familiares?
4. O que você pensa sobre a violência escolar? Você conhece ou já vivenciou algum caso de violência na escola? Como você se comporta quando isso acontece?
5. O que você aprende nas aulas de Karatê-Do, influencia de alguma forma o seu comportamento dentro e fora da escola? Você se lembra de alguma situação?

Entrevista com os professores

1. Como é a relação entre alunos e colegas professores na escola?

2. Sobre a questão da violência no ambiente escolar, como você percebe esse assunto nesta escola e nas salas de aula, você conhece ou já vivenciou algum caso?
3. Você considera a vivência do conteúdo lutas na escola importante?
4. Com relação aos alunos em questão, você percebeu alguma diferença no comportamento escolar após participação no Projeto de Karatê-Do? Essas mudanças foram positivas ou negativas?

Entrevista com as gestoras

1. Como você percebe a relação dos alunos com seus pares, professores e funcionários da escola?
2. Com relação à violência no ambiente escolar, esse fato acontece nesta escola? De qual maneira?
3. Quais medidas são tomadas pela escola para evitar ou contornar situações de comportamentos violentos?
4. Qual a sua opinião sobre a prática das lutas na escola?
5. Como você entende a influência da prática do Karatê-Do nos comportamentos sociais dos alunos dos Ensinos Fundamental e Médio?

3.5 Análise e organização dos dados

A organização e a análise desses materiais foram fundamentadas teoricamente a partir da Análise de Conteúdo descrita por Laville e Dione (1999) que consiste em fragmentar a estrutura e os elementos do material coletado, para identificar suas diferentes características e extrair sua significação. Desta forma, os dados coletados nas entrevistas e nas Fichas Individuais de Ocorrências foram organizados em categorias e subcategorias e relacionados com a literatura referente ao assunto.

No capítulo seguinte, apresentaremos e discutiremos as categorias e subcategorias definidas.

CAPÍTULO 4

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir das entrevistas realizadas e das informações coletadas nas fichas individuais de ocorrências, definimos categorias e subcategorias de acordo com os objetos de investigação: **Perspectivas sobre o ambiente escolar, percepções sobre a violência na Escola e o ensino do conteúdo lutas na Escola e sua influência no comportamento social dos alunos.**

4.1 Perspectivas sobre o ambiente escolar

A compreensão dos elementos que constituem o ambiente escolar foi o ponto de partida para desenvolvermos esta discussão. Neste contexto, identificamos temas que marcaram a fala dos entrevistados, sendo: os sentimentos pela Escola, o comportamento social dos alunos e o relacionamento interpessoal.

Sentimentos pela Escola

A realidade vivida pelos participantes da pesquisa, no ambiente escolar, foi expressa por sentimentos opostos. Identificamos fatores que motivavam e desmotivavam os entrevistados, caracterizando, portanto, os sentimentos de aproximação ou afastamento pela Escola.

Dentre os fatores de aproximação, temos: **futuro, qualidade do ensino, valorização do espaço escolar, professores, amizade, e Karatê-Do.** Os fatores de afastamento foram: **indisciplina, professores e ensino.** Ressaltamos que os elementos **professores e ensino** estiveram presentes nos dois sentimentos.

Conforme o exposto, discutimos os diferentes pontos de vista dos participantes da pesquisa e a oposição que existe entre eles.

Os alunos, ao serem questionados sobre o que sentiam pela escola, citaram-na como um lugar que os prepara para o **futuro**:

“Ah, tipo... aqui é como se fosse um começo pra uma vida futura, tipo se eu for... eu sempre vou precisar estudar, que não só termina quando vai pra faculdade, você nunca para de aprender, então a escola é um começo porque sem o básico você não aprende quase nada... por isso que eu gosto de vir pra escola (risos).”
(Aluna Tamires)

A partir desta fala, notamos que a relação entre o ensino e o projeto de continuidade dos estudos em nível superior é um dos fatores motivacionais que caracteriza o sentimento de aproximação pela Escola. Entendemos que existe certa preocupação com a oportunidade de ascensão e mobilidade social por meio da melhor interação com o mundo do trabalho. Em contrapartida, percebemos um esvaziamento de significado no processo de apropriação do conhecimento, pois ao reconhecerem a escola apenas como uma etapa necessária para alcançarem objetivos futuros, os alunos mantêm uma relação instrumental com o saber, o que não garante uma aprendizagem efetiva (SPOSITO e GALVÃO, 2004).

Ao refletirem sobre a **qualidade do ensino** oferecido pela Escola, parte dos alunos considerou que:

“O que eles passam aqui é bom, é um ensino bom e tipo eu não venho pra escola pra ficar brincando, eu venho mesmo pra estudar.”
(Aluna Tamires).

Alguns estudantes consideraram que a Escola oferece um ensino de qualidade, entretanto a oposição entre brincadeira e estudo mencionados nesta frase, aponta diferentes caminhos pelos quais os alunos tendem a trilhar durante o período escolar. Entendemos que o comprometimento e o interesse dos alunos para com os estudos são influenciados por diversos fatores, dentre eles, o sistema de ensino e o ambiente escolar.

Nesse sentido, em relação ao sistema de ensino, e com influência direta no envolvimento do aluno, o Regime de Progressão Continuada vigente nas Escolas Públicas do Estado de São Paulo foi criticado pelos professores:

“Eu acho assim que a Progressão Continuada, se ela fosse feita da maneira que teria que ser feita, era uma boa você acompanhar uma criança no ciclo e aí no final do ciclo você reprovar ela, ou... uma avaliação contínua seria bom, interessante isso, mas o que acontece é

que durante, ao final desse ciclo, se aprova! Ela passa sem saber, pra quem que isso está fazendo mal, pra quem? Pra própria criança! Então se fecha um ciclo aonde ela vai pra outro ciclo sem saber nada, sem... tem um aluno da 7ª série, 6º ano sem saber escrever!” (Professor Waldir).

Eles justificaram que, por não ser aplicado de maneira correta, este método de ensino causa a desmotivação, o desinteresse e até mesmo a evasão escolar.

Também ocasionando falta de motivação, foi apontado pelos alunos que o ensino é de baixa qualidade e relataram que não gostavam das matérias que sentiam dificuldade, viam a Escola como obrigação e criticaram a excessiva falta de professores, caracterizando, portanto, o sentimento de afastamento pela Escola.

Outro fator de aproximação que percebemos nas entrevistas, foi a **valorização do espaço escolar**, que torna o processo de ensino-aprendizagem interessante e prazeroso para os alunos.

“O que eu mais gosto é da biblioteca [...] eu gosto de pegar alguns livros.” (Aluno Luan).

Um dado que também apontou para esta questão, foi os alunos terem citado as aulas de Educação Física como as que mais gostavam, pois o Professor Waldir propõe atividades que os permitem explorar os materiais, a estrutura e o amplo espaço físico da Escola.

O trecho de entrevista a seguir, expõe que os sentimentos dos alunos pela Escola são diretamente influenciados pela integração dos **professores** com a turma:

“Dos professores, porque eles eram muito legais! Tinha alguns que eram muito chatos, mas tinha alguns que marcaram bastante mesmo.” (Aluna Daniele).

A boa relação professor-aluno é determinante no processo de ensino aprendizagem, pois motiva, dá sentido ao processo educativo:

É o modo de agir do professor em sala de aula, mais do que suas características de personalidade que colabora para uma adequada aprendizagem dos alunos; fundamenta-se numa determinada concepção do professor, que por sua vez reflete valores e padrões da sociedade (ABREU e MASSETTO, 1990, p. 115).

Esta aproximação, proveniente de atitudes mútuas de respeito e confiança, possibilita a abordagem de temas globais inseridos na realidade de vida dos alunos, visando também à formação de cidadãos críticos e conscientes. No entanto, os relatos dos professores apontaram para uma ruptura nesta reciprocidade:

“O relacionamento é um pouco complicado, alguns alunos enfrentam mesmo, não respeitam e tentam provocar o professor de diversas maneiras [...]” (Professora Júlia).

Para eles, estabelecer uma relação de cooperação com os alunos se torna um processo difícil e delicado, por conta do comportamento violento e de oposição dos alunos e da insegurança que sentem no ambiente de trabalho, caracterizando, também, o sentimento de afastamento pela Escola.

O bom relacionamento entre os pares foi destacado como um fator de aproximação, os alunos afirmaram gostar da Escola por conta dos laços de amizade que este ambiente os proporciona:

“Vamos ver... Eu acho da escola um lugar legal, porque da pra... além de aprender né e me preparar para o futuro, eu converso com os meus amigos né, faço mais amigos.” (Aluno Leonardo).

Esta fala demonstra a importância atribuída pelos alunos, às relações sociais. O grupo de amigos é uma referência na trajetória da juventude, pois é com quem fazem os programas, “trocam ideias”, buscam formas de se afirmar diante do mundo adulto, criando um “eu” e um “nós” distintivos (DAYRELL, 2007). Em consonância a este entendimento, o **Karatê-Do** foi citado pelos entrevistados como uma atividade na qual, os alunos também se sentem parte integrante de um grupo específico, contribuindo, portanto, com o sentimento de aproximação pela Escola.

Ao apresentarmos e discutirmos sobre os sentimentos pela Escola, entendemos que a aproximação dos entrevistados a este ambiente está ligada a aspectos que motivam e dão sentido ao processo de ensino-aprendizagem. Em contrapartida, o sentimento de afastamento pela Escola se caracteriza por práticas educacionais mal sucedidas.

Com o intuito de apresentar outras perspectivas sobre o ambiente escolar, discutiremos a seguir as considerações referentes ao comportamento social dos alunos.

Comportamento social dos alunos

Prosseguimos nossa discussão com as considerações a respeito do comportamento social dos alunos, de suas próprias perspectivas, dos seus professores e das gestoras da Escola.

De acordo com Carvalho e Guimarães (2002) entendemos que o ser humano identifica-se com um conjunto de padrões de comportamento que lhe torna possível interagir e adaptar-se ao ambiente em que vive. Mesmo antes de ter adquirido comportamentos mais complexos, existe uma predisposição para que a vinculação afetiva e social se concretize.

Percebemos que a escola institui determinados padrões de comportamento, aos quais os alunos se adaptam para estabelecer o relacionamento social neste ambiente. Desta forma, os comportamentos sociais dos alunos podem ser manifestados de maneira diversa.

Dos oito alunos que responderam a questão “Como você descreve seu comportamento na Escola?”, sete o caracterizaram como: bom, normal, aceitável, ou razoável e apenas um, o Marcelo, o caracterizou como ruim. Dentre estas manifestações identificamos atitudes como: respeita o professor, não faz bagunça, participa das aulas, se dedica aos estudos e faz as lições de casa. Quanto à manifestação considerada como “ruim”, pelo aluno Marcelo, encontramos: brinca em sala de aula, faz bagunça e irrita os colegas.

Os professores, ao comentarem especificamente sobre o comportamento dos alunos que praticam Karatê-Do, relataram que o aluno Marcelo é uma exceção, pois ao contrário dos demais, não se comporta de maneira esperada pela escola:

“Esse ano está o pior, não sei se porque ele está maior, a sala que ele está é uma sala muito difícil, mas ele é um dos que dá trabalho realmente na sala.” (*Professor João*).

Na Ficha Individual de Ocorrências do aluno Marcelo, está descrito:

“Às 17h30, o aluno Vinicius da 6ª X (8 Advertências e 1 suspensão), passou pela porta da sala da 6ª Y e jogou água no Marcelo, que saiu da classe durante a aula de História da Professora Priscila sem autorização, para correr atrás do Vitor”. (Ficha Individual de Ocorrências do Aluno Marcelo).

Em sua entrevista, o aluno relatou que geralmente responde às provocações dos colegas, mas também inicia as brincadeiras:

“Ah, tem hora que eu inicio também... É, tem hora que a aula está muito chata mesmo, eu já não faço nada, fico lá parado”. (Aluno Marcelo).

De acordo com os dados apresentados, identificamos que o comportamento do aluno Marcelo se assemelha às manifestações de irresponsabilidade e baixo autocontrole descritas por Bandeira et al. (2009) em seu estudo sobre as habilidades sociais, pois além do aluno não demonstrar, segundo seu próprio depoimento e também dos professores, compromisso com as tarefas e com as pessoas no ambiente escolar, responde impulsivamente às provocações de outros alunos.

Ao considerarem todos os alunos da Escola, os professores e gestoras caracterizaram o comportamento social dos alunos como mal educado, indisciplinado e violento. Os docentes justificaram essas manifestações com argumentos como: a falta de estrutura familiar e o ambiente violento em que os alunos vivem.

Pudemos inferir, portanto, que na visão dos educadores, o comportamento dos alunos advém de problemas exteriores ao ambiente escolar, entretanto, ampliamos esta discussão ao percebermos a fala do aluno Marcelo como um sinal de alerta para que a Escola atribua significado ao ensino e resgate valores social.

Nesse contexto, entendemos que o ensino é essencialmente social, pois envolve necessariamente relações com outras pessoas, e por isso, o professor não deve preocupar-se somente com o conhecimento, adquirindo-o apenas por meio da absorção de informações, mas também pelo processo de construção da cidadania (Silva e Navarro 2012).

Posto isso, discorreremos no próximo tópico sobre as relações interpessoais na Escola e as estratégias para desenvolver as habilidades sociais.

Relacionamento Interpessoal

Finalizamos a análise das perspectivas sobre o ambiente escolar apresentando as considerações sobre o relacionamento interpessoal e discutindo as estratégias utilizadas para auxiliar no desenvolvimento das competências sociais.

Como dito anteriormente, entendemos que o ensino está diretamente ligado às relações sociais, desta forma identificamos aspectos nas entrevistas com as gestoras, professores e alunos, que apontaram para as habilidades e os problemas reconhecidos sobre este tema.

As gestoras, ao serem questionadas sobre o assunto, citaram que os alunos as tratam com carinho, pois são abertas ao diálogo. De maneira geral, afirmaram que eles se relacionam bem com seus colegas de classe, seus professores e os funcionários da Escola, entretanto alegaram que existem casos pontuais de problemas de relacionamento, ou seja, acontecem entre determinadas pessoas por motivos específicos.

O discurso dos professores sobre o tema não corrobora com o das gestoras, pois, para eles, a visão geral é de que o relacionamento com os alunos é difícil e conturbado:

“É... na minha área (Educação Física), eu me dou muito bem com eles... acho que é porque a minha área é uma coisa mais lúdica, divertida, então... me dou bem com eles, mas é... em outros casos de outras matérias a maioria das vezes é meio conturbada. Sabe, falta de respeito, desinteresse deles, hmm... que mais?! Não sei talvez pela falta de perspectiva deles mesmo né, mas é uma relação meio conturbada, é uma relação de falta de respeito” (Professor Waldir).

Os problemas de relacionamento estão ligados a comportamentos negativos dos alunos, já as habilidades sociais, estão ligadas a aspectos como: carinho, conversa e entendimento por parte dos professores. Além disso, o interesse por alguma matéria específica, como o exemplo da Educação Física.

Assim como mencionamos anteriormente, percebemos nesta fala do professor Waldir, a proximidade entre as relações sociais e o ensino. Entretanto, entendemos que, além dos fatores externos à escola, a falta de perspectiva e o desinteresse dos alunos, citados pelo professor Waldir, também são reforçados negativamente de acordo com as atitudes dos professores:

“[...] os professores, quase nenhum gosta de mim... a maioria não né?! Fala que eu sou muito bagunceiro, esses negócio, que eu não faço nada, daí eu falo pra eles vir ver meu caderno e eles falam ‘pra que eu vou perder meu tempo... mas eu faço!’” (Aluno Marcelo).

Este trecho de entrevista ilustra a perspectiva dos alunos quanto às relações sociais na Escola. Para eles, as atitudes desrespeitosas acontecem quando não concordam com as atividades propostas/impostas pelo professor, julgam não fazer sentido a forma com que o conteúdo é trabalhado e cobrado. Além disso, consideram que os educadores não se interessam em ajudar os alunos rotulados como bagunceiros.

Neste contexto, buscamos compreender quais as considerações dos educadores sobre as formas para auxiliar no desenvolvimento das competências sociais e, em consequência, melhorar a qualidade do ensino.

Os professores afirmaram que é necessário desenvolver estratégias para melhorar o relacionamento com os alunos:

“[...] desenvolver meios ou algumas estratégias pra conversar com eles, entender as diferenças, porque eu vi que se eu não mudasse a minha maneira de agir em sala de aula, eu não obteria sucesso, e você pode ser o melhor professor do mundo e, eu gosto muito de estudar, mas eu acho que o mais importante pra você conseguir alguma coisa com o seu aluno é conseguir cativá-lo de alguma maneira [...]” (Professora Mirela).

Neste sentido, entendemos que a relação professor-aluno é uma condição determinante para a aprendizagem, pois é por meio dela que o processo educativo se torna mais dinâmico e ganha significado (Silva e Navarro 2012). As falas dos professores apontaram para dois pontos de vista distintos. Dos sete professores entrevistados, duas citaram a importância em adotarem uma postura mais séria com os alunos e também, contarem com o apoio das gestoras para que medidas disciplinares sejam tomadas:

“[...] eu acho que funciona mais com professores mais sérios, mais firmes do que aqueles que deixam a sala mais a vontade, aqui pra essa comunidade, eles pedem por seriedade.” (Professora Júlia).

“Eu acho que o professor tem que testar várias coisas, mas muitas vezes é necessário um limite, uma imposição maior por parte da diretoria e essas atitudes não são tomadas.” (Professora Mirela).

Por outro lado, cinco afirmaram que a melhor forma de lidar com os alunos é por meio do diálogo, entendimento, carinho, respeito e atenção:

“[...] eu converso, explico... porque eles sentem muito uma carência, parece que o pai e a mãe eles não estão conseguindo suprir essa carência, então às vezes você conversando com eles, às vezes a reação que ele tem na classe de querer agredir alguém, ou ser assim ríspido com alguém, a gente consegue reverter isso daí.” (Professora Samanta).

A reflexão da professora Samanta, remeteu-nos a um aspecto importante para nossa discussão. Conforme citado, os alunos sentem esta carência afetiva, devido ao fato de não encontrarem, na família, a atenção necessária para aprimorarem suas relações sociais. Neste contexto, consideramos a escola como um ambiente que apoia os adolescentes nesta busca por vivenciar e compreender as representações da sociedade, a partir de um processo de ensino-aprendizagem que atribui significado à educação.

Concluímos esta discussão acerca das **perspectivas sobre o ambiente escolar**, destacando as ideias de oposição existentes entre os entrevistados. Notamos esta tendência ao conhecermos seus sentimentos de aproximação e afastamento pela escola, as habilidades e problemas de comportamento social dos alunos, a instabilidade do relacionamento entre eles e as diferentes estratégias utilizadas pelos professores para desenvolver suas habilidades sociais. Ponderamos, portanto, que as perspectivas dos alunos, professores e gestores sobre o ambiente escolar são divergentes entre si e com isso, a Escola reflete um ambiente não harmonioso.

O assunto que discutiremos a seguir ilustra ainda melhor esta realidade, pois tratará das percepções dos entrevistados sobre a violência na Escola.

4.2 Percepções sobre a violência na Escola

Discutimos anteriormente as perspectivas dos alunos, professores e gestoras sobre o ambiente escolar e concluímos que suas considerações a respeito dos sentimentos pela Escola, comportamento social dos alunos e relacionamento interpessoal são divergentes, o que reflete olhares e expectativas diferentes sobre o mesmo fenômeno.

No que diz respeito às percepções dos entrevistados sobre a violência na Escola, apresentamos e discutimos suas reflexões quanto a este assunto e as formas de educar os alunos sobre o tema.

Reflexões sobre a violência no ambiente escolar

Ao refletirem sobre a violência no ambiente escolar, os entrevistados apontaram as principais causas deste fenômeno, relataram ocorrências de atos violentos na Escola e citaram as reações frente a estas situações.

De acordo com os professores, a principal **causa da violência** no ambiente escolar, é a educação familiar dos alunos:

“Os alunos são muito violentos entre eles e com os professores. Eles falam palavrões, palavras de baixo calão assim, como se fosse a coisa mais natural do mundo e é compreensível porque eles são tratados assim em casa! [...] eles não têm referência em casa, eles não tem família, eles não tem pais que cobram, isso faz com que eles se tornem violentos, eles não tem modelos, nós precisamos de modelos.”
(Professora Mirela).

Conforme discutimos anteriormente, a falta de estrutura familiar e o ambiente violento em que os alunos vivem, causam o sentimento de carência afetiva e a falta de referência para resgatar valores sociais, como por exemplo, a educação e o respeito. A forma com que os adolescentes são tratados pelos pais em casa ocasiona um comportamento violento no ambiente escolar.

Neste sentido, as gestoras explicam que a Escola passou a ser responsável por ensinar os alunos a serem educados e terem respeito:

“A gente tem percebido que os alunos não estão mais trazendo de casa os valores éticos que a gente tinha antes, como por exemplo, o respeito, a educação de falar, “por favor”, “obrigado”, “com licença” e isso vem da família mesmo, mas ultimamente a escola está sendo responsável por isso... então é uma briga constante. Essa violência eu percebo que é por causa disso, que há uma ausência desses valores éticos e aí a gente acaba chocando de frente com isso, é onde ocorrem as brigas, o desrespeito com os funcionários, o desrespeito com os professores e propriamente com eles mesmos, o desrespeito a si próprio. Eu acho que eles não estão valorizando a educação e o respeito mesmo”. (Vice-diretora Andréia).

Em consonância ao comportamento violento dos alunos, a gestora também justifica comentando sobre a característica imediatista dos adolescentes:

“[...] acho que eles são muito momentâneos, aí os hormônios estão à flor da pele, principalmente porque aqui a gente trabalha desde o 6º ano até o 3º ano do Ensino Médio, então pela faixa etária, os hormônios estão à flor da pele e eles são muito explosivos, assim por nada.” (Vice-diretora Andréia).

No tocante à faixa etária, do ponto de vista dos alunos, a incidência de atos violentos é maior no Ensino Fundamental do que no Ensino Médio:

“Até a 6ª série acontecia bastante, aí depois foi parando aos poucos, daí agora não tem muito mais não [...] É, coisa de criança mesmo, quer se achar, fica mexendo com os outros, daí vai bate pra fazer graça e se mostrar!” (Aluno Leonardo).

Sobre as ocorrências, de acordo com os entrevistados e com os dados coletados nas Fichas Individuais de Ocorrência, os atos violentos acontecem diariamente, entre os próprios alunos, seus professores e os funcionários da Escola. Dentre os casos relatados, encontramos com maior frequência as agressões verbais, seguidas de agressões físicas e até mesmo as ameaças.

“A maioria é agressão verbal... Primeiro as pessoas começam a provocar, xingar, aí algumas tipo se irritam muito, aí já parte pra agressão física.” (Aluna Brenda).

“Na sala de aula, desses alunos trabalhosos, houve sim essa questão de desrespeito, chamar palavrões, ameaçar dizer que vai mandar familiar vir à escola me procurar [...] comigo não aconteceu fisicamente, mas com colegas sim! Já teve duas professoras esse anos mesmo que foram agredidas por aluno... eles falam que foi sem querer mas chegou a bater nela.” (Professor João).

“Então, agressão física eu quase não vi, é difícil... mas agressão verbal é bastante! Verbal, coagir o outro, ameaçar... não chegar a vias de fato, mas que existe essa coisa do ameaçar existe, tanto que hoje a polícia teve que vir aqui e levou 3 alunos que coagiram com a inspetora, aí a inspetora acho que denunciou e aí foram pra delegacia”. (Professor Waldir)

Em meio a este contexto, percebemos diferentes **formas de reagir** aos atos violentos. De forma geral, os alunos procuram se afastar e buscam a ajuda de algum adulto ou, até mesmo, incentivam os colegas a brigarem e respondem às agressões de forma violenta. Os educadores, ao presenciarem atos violentos, fazem a intermediação do conflito, dependendo da gravidade do caso, encaminham os alunos para a diretoria e, em casos extremos, que fogem do controle das gestoras da escola, a Polícia Militar é acionada.

Conhecidas as variadas formas com que a violência incide na Escola, discutiremos a seguir as medidas tomadas pelos professores e gestoras para educar os alunos sobre este tema.

Medidas escolares para educar os alunos sobre a violência

Conforme apontamos anteriormente, as agressões verbais e físicas entre os alunos e com os educadores acontecem repetidas vezes na Escola. Desta forma, trouxemos para a discussão as medidas escolares tomadas pelos professores e gestoras para educar os alunos sobre o tema violência.

Segundo os entrevistados, as medidas escolares são tomadas de acordo com a reincidência e a gravidade do caso, sendo elas de ordem **preventiva, socioeducativa ou punitiva**.

As medidas **preventivas** são compostas por estratégias que objetivam desenvolver as habilidades sociais e o relacionamento interpessoal dos alunos, por meio dos laços de amizade e confiança e o resgate de valores sociais.

Neste sentido, os professores conversam com os alunos sobre o tema violência, a partir de exemplos cotidianos e reportagens exibidas nas mídias:

“Os professores trabalham o tema violência na sala de aula, infelizmente né... cada vez que aparece na televisão, no jornal, na mídia, eles discutem sobre o assunto”. (Diretora Diana).

No que diz respeito à prevenção da violência no ambiente escolar, o Programa Escola da Família também proporciona, às comunidades do entorno da Escola, atividades que contribuem para a inclusão social, com a finalidade de criar uma cultura de paz e aumentar o sentimento de pertencimento à escola

Apesar de a Escola contar com estas estratégias, entendemos que as medidas preventivas não são suficientes para resolver o problema, pois assim como discutimos anteriormente, os atos violentos incidem com frequência no ambiente escolar. Desta forma, as medidas **socioeducativas** têm como objetivo cessar estes conflitos, utilizando a conversa entre as pessoas envolvidas como forma de mediação.

“A escola trabalha com eles, a coordenação, a direção, os agentes, sempre conversando, mostrando que isso não vai levar a nada, tentando uma medida socioeducativa pra que isso se resolva. Normalmente a gente pergunta se o ofendido, o agredido aceita as desculpas. Eles pedem desculpas na maioria das vezes, principalmente porque eles falam que foi brincadeira.” (Diretora Diana).

Na rede pública estadual de ensino existe o cargo de professor mediador, entretanto apenas algumas escolas contam com a ajuda deste profissional para trabalhar as medidas socioeducativas com os alunos.

“Algumas escolas estaduais têm o professor mediador. Ele faz um trabalho pra acabar, assim... tentar acabar com a violência na escola, violência verbal, violência física. Nós tínhamos uma professora mediadora, mas infelizmente não temos mais, perdemos, sem explicação nenhuma! Como a gente está com falta de funcionários, acontece que a coordenação e a direção, quando tem tempo, vai lá e conversa” (Vice-diretora Andréia).

Percebemos nesta fala, como a falta de profissionais na escola interfere no desenvolvimento de estratégias socioeducativas. As gestoras relataram também que, por dedicarem-se a procedimentos administrativos e burocráticos, não têm tempo para mediar os conflitos. Desta forma, notamos certa limitação quanto à discussão sobre o tema violência na Escola.

Esta falta de tempo para as medidas socioeducativas acaba levando às medidas **punitivas**, que são caracterizadas pela ruptura no diálogo entre os educadores e os alunos sobre a violência no ambiente escolar. Conforme explicado pelas gestoras, os alunos sofrem consequências, de acordo com a gravidade de seus atos:

“Na escola estadual a gente tem três advertências, se essas três advertências não solucionarem, a gente dá a suspensão de um dia, dois ou, três, dependendo da gravidade. Já aconteceu até aqui na Escola, um caso de uma professora ser agredida por uma aluna e ela até foi transferida compulsória, nós reunimos o conselho e infelizmente ela não estuda mais aqui na escola.” (Vice-diretora Andréia).

Este depoimento nos levou a refletir sobre qual o sentido das medidas punitivas nas instituições de ensino. As advertências, suspensões e expulsões, cumprem com a finalidade de educar os alunos sobre a violência no ambiente escolar? Acreditamos que não.

Conforme discutimos anteriormente, os atos violentos ocorrem por conta do imediatismo dos alunos, influenciados pelo ambiente violento em que vivem e a falta de estrutura familiar. Neste sentido, entendemos que o aluno busca, na escola, suprir o sentimento de carência afetiva e a falta de referência para resgatar os valores sociais e, por este motivo, argumentamos que distanciar o aluno do espaço escolar não garante seu aprendizado efetivo sobre o tema violência.

Com isso, concluímos nossa discussão a respeito das **percepções sobre a violência no ambiente escolar**, considerando que o cenário desta Escola foi marcado pela ocorrência frequente de atos violentos e que as medidas preventivas e socioeducativas são as alternativas mais apropriadas para educar os alunos sobre o tema do que as punitivas, pois são compostas por estratégias que objetivam desenvolver as habilidades sociais, suprem o sentimento de carência afetiva e resgatam valores sociais.

Neste contexto, discutiremos a seguir a influência da prática do Karatê-Do no comportamento social dos alunos.

4.3 O ensino do conteúdo lutas na Escola e sua influência no comportamento social dos alunos

Os assuntos discutidos anteriormente, nos permitiram caracterizar o ambiente escolar a partir das perspectivas dos alunos, professores e gestoras e, também, conhecer as percepções dos entrevistados sobre a violência na Escola. A partir deste contexto, apresentamos o tema lutas como um conteúdo possível de ser ensinado na escola, como uma alternativa para estabelecer medidas preventivas e socioeducativas para educar os alunos sobre a violência neste ambiente e, finalizamos a nossa discussão, com os resultados sobre a influência da prática do Karatê-Do no comportamento social dos alunos, desmistificando sua correlação com a violência.

As lutas no ambiente escolar

Os Parâmetros Curriculares Nacionais para os ensinos Fundamental e Médio propõem que a prática pedagógica das lutas seja um conteúdo programático possível para ser desenvolvido nas aulas de Educação Física escolar (BRASIL, 1998). Entretanto, a inserção deste tema nas aulas de Educação Física, se depara com barreiras que prejudicam ou até mesmo inviabilizam seu processo de ensino aprendizagem na escola.

Neste sentido, em pesquisa realizada pelos alunos do curso de graduação em Educação Física da UNIJUÍ, Campi Ijuí e Santa Rosa (RS) e, da URI/Santo Ângelo (RS), Nascimento e Almeida (2007), afirmam que a presença das lutas nas escolas é pequena e, quando existe, é ministrada por terceiros e desvinculada da disciplina de Educação Física, em atividades extracurriculares ou por meio de grupos de treinamento.

Os autores citam duas justificativas apresentadas por professores de Educação Física para esta restrição da prática de lutas na escola: a primeira diz respeito à falta de vivência dos docentes sobre o tema tanto na formação acadêmica quanto em

suas histórias de vida; a segunda é que a violência seria intrínseca às lutas, e sua prática estimularia a sua manifestação pelos alunos.

Ao serem questionadas sobre o assunto, as gestoras afirmaram a importância da vivência da prática de lutas na Escola e reconheceram a dificuldade para desenvolver este tema nas aulas de Educação Física:

“Eu acho muito bom, porque é uma forma de disciplinar os alunos, em questão de mostrar que a força deles pode ser trabalhada de uma forma disciplinar mesmo. Eu dou todo o meu apoio, tanto que nós temos o Karatê e a Capoeira no Programa Escola da Família e neste ano, ampliamos o Programa Mais Educação com as aulas de Judô. [...] Na Educação Física, o professor não é especializado em luta, então o que eu percebo é um pouco de insegurança por não conhecer a matéria específica das lutas”. (Vice-diretora Andréia)

A gestora considera que o professor de Educação Física não se sente seguro para abordar o tema lutas em suas aulas, pela falta de experiência pessoal e acadêmica nesta área de conhecimento.

A fala do professor Waldir corroborou com o ponto de vista da gestora Andréia. Ele também afirmou a importância de abordar o tema lutas na Escola e justificou o fato de não realizar atividades práticas em suas aulas por falta de vivência pessoal:

“Eu me vejo com grande dificuldade nisso, mas eu acho importante! Uma coisa importante que aconteceu dentro do currículo escolar da Educação Física foram os livrinhos que chegaram, eu preparei as aulas teóricas pra eles. Por exemplo, teve Judô e teve Karatê agora para o 7º ano, então preparei as aulinhas teóricas e passei pra eles. Então pelo menos teoricamente eles vão entender, é tentar acompanhar dentro de uma transmissão algo que seja entendido por eles, como: assistir a uma luta de Judô, Karatê e Kung Fu e ver os golpes que foram aplicados... Eu achei interessante isso, mas é isso que eu posso fazer!” (Professor Waldir).

O professor Waldir também afirmou que o profissional deve estar preparado para trabalhar este tema com os alunos, indicando, portanto, o especialista de cada modalidade de luta. Sobre este assunto, So e Betti (2009) discutem que não é necessário o professor de Educação Física ser especialista ou possuir um histórico em alguma modalidade de luta, pois no ambiente escolar a proposta não deve ser formar atletas,

mas sim apresentar diversas possibilidades da cultura de movimento. Com isso é importante compreender os aspectos filosóficos e culturais das lutas, pois caso o professor não tenha um conhecimento básico dos valores intrínsecos a este conteúdo, aumenta-se o risco de ocorrência de brigas, rivalidades e confrontos violentos.

Sobre a preocupação com o fator violência, todos os entrevistados negaram que a ensino das lutas estimularia comportamentos violentos dos alunos.

“Eu acredito que a prática de luta seja uma forma de inibir as expressões violentas que os alunos costumam ter dentro da Escola, porque junto com a orientação do professor transmite valores e eles se conscientizam mais sobre suas atitudes” (Professora Mirela).

Entendemos, portanto, que o fenômeno lutas integra a Cultura Corporal de movimento e compõe uma área de conhecimento da Educação Física, o que justifica a legitima a prática deste conteúdo na escola. Com isso, o foco de sua abordagem no ambiente escolar não deve ser a especialização do gesto técnico dos alunos, mas sim proporcionar seu aprendizado, resgatar valores sociais e desmistificar o significado de Luta, diferenciando-o dos termos “briga” e “violência”.

Desta forma, concluímos que a prática de lutas na escola evidencia uma alternativa para estabelecer medidas preventivas e socioeducativas para educar os alunos sobre a violência, pois, por meio dos valores inerentes a este conteúdo, os alunos desenvolvem as habilidades sociais e se conscientizam sobre suas atitudes agressivas.

Tendo em vista a importância da prática de lutas no ambiente escolar, discorreremos a seguir sobre a influência da prática de Karatê-Do no comportamento social dos alunos.

A Influência da prática do Karatê-Do no comportamento social dos alunos

No tópico anterior, discutimos sobre a legitimidade do ensino das lutas no ambiente escolar, identificando uma alternativa para educar os alunos sobre a violência na escola, por meio dos valores sociais inerentes a este conteúdo.

Neste contexto, consideramos o Projeto de Karatê-Do do Programa Escola da Família, uma atividade de cunho social, que se desenvolve no âmbito da ação e da

cidadania, visando proporcionar o resgate de valores sociais, a formação de caráter dos alunos e o desenvolvimento de suas relações interpessoais, a partir dos elementos cultural, filosófico e psicológico presentes nesta arte marcial.

Com isso, neste estudo de caso, buscamos fundamentações teóricas, relatos e experiências que nos auxiliassem a responder a seguinte questão: Como a prática de lutas, em especial o Karatê-Do, pode influenciar o comportamento social dos alunos?

Segundo Tramontin e Peres (2008, p. 11), o aprendizado do Karatê-Do permite aos alunos compreenderem valores sociais, conscientizarem-se como cidadãos e refletirem sobre seus atos:

Como o Karatê interage através da sua filosofia e princípios de respeito ao semelhante, mostrando o caminho educativo na conquista da estabilidade emocional e da autoconfiança, contendo o espírito agressivo nas crianças, conscientizando-as de que a sociedade não precisa de lutadores e sim de verdadeiros cidadãos, pode-se inferir que, no âmbito social, o aprendizado do karatê possibilita o desenvolvimento da capacidade de o aluno pensar antes de agir frente às ameaças presentes no seu cotidiano.

Almeida (2006, p. 6) discute sobre a metodologia do Karatê-Do, valoriza o relacionamento interpessoal e comenta sobre o comportamento dos alunos:

A metodologia do Karatê é direcionada para a formação de uma pessoa com valores morais e éticos, onde (sic) o relacionamento social é de extrema importância e seu comportamento seja sempre adequado e responsável. O praticante de Karatê também tem como características: concentração, atenção, disciplina, respeito e principalmente autocontrole sobre seus atos.

Neste sentido, as gestoras afirmaram que os ensinamentos provenientes da prática do Karatê influenciaram positivamente o comportamento dos alunos:

“Eu acho que praticar Karatê foi excelente para eles! Os alunos que estão no Karatê, eles tem o cuidado assim... eles sabem que eles têm força, que eles poderiam utilizar da violência, mas através do conhecimento do Karatê, das regras, eu percebo que é bem o contrário, eles são mais calmos, mais tranquilos, eles sabem lidar *com isso*.” (Vice-diretora Andréia).

“*A prática do Karatê influencia positivamente! Eu assim... uma coisa que eu sempre pensei antes dessa experiência aqui na Escola era que, quem luta Karatê ou Judô, usaria isso contra, mas não é isso que*

acontece. Então assim, não é porque ele faz Karatê daí ele acha que ele pode brigar com todo mundo, ele não briga com as pessoas, *porque ele respeita e tem disciplina.*” (Diretora Diana).

Neste discurso, notamos que ao avaliar a experiência da prática das lutas na Escola, a diretora Diana mudou sua forma de pensar sobre este conteúdo. Segundo Lage et al. (2007 p. 126) o entendimento equivocado acerca do fenômeno Luta, associando-o a violência, advém de uma exploração midiática:

A mídia e os veículos de comunicação em massa exploram essas práticas corporais como produtos de consumo por meio de filmes, assim como os campeonatos denominados de “Vale Tudo” e similares, nos quais são colocados em confronto direto praticantes de diversas lutas, tendo muitas vezes como premiação elevadas quantias em dinheiro, difundindo uma concepção equivocada sobre as artes marciais e seus princípios na própria essência como sabedoria de vida ou modo de viver. (Grifo do autor)

Desta forma, o ensino do Karatê-Do na Escola, mostrou-se como uma forma de desmistificar a relação entre o fenômeno Luta e a violência neste ambiente. As gestoras consideraram que os alunos são mais conscientes sobre suas atitudes, a partir da compreensão dos princípios inerentes a prática desta modalidade: respeitar as regras; ter paciência, calma e tranquilidade; controlar a agressividade e ser disciplinado.

Ao serem questionados sobre os conhecimentos aprendidos nas aulas de Karatê, os alunos citaram elementos relacionados a **não violência**, **valores sociais**, **disciplina** e **atividade física**, considerando, portanto, sua influência no comportamento social.

Os fatores relacionados a **não violência**, foram: manter a calma; evitar conflitos e não responder às provocações; apenas se defender de agressões físicas e verbais; conversar para resolver os problemas e não utilizar os conhecimentos da luta para brigar:

“Eu acho que Karatê é bom! Você aprende a ficar mais calmo, você aprende a se defender... Depois você não gosta mais de brigar na escola, ou assim, nos outros lugares também. Karatê é bom”. (Aluno Luan)

Percebemos neste discurso que o aluno Luan atribuiu à sua mudança de comportamento, aos ensinamentos aprendidos com a prática de Karatê-Do. Neste sentido, os alunos também afirmaram que deixaram de responder de maneira violenta às provocações dos colegas de classe, pois resolvem os conflitos por meio de conversas ou solicitam a ajuda dos educadores da Escola.

Outros aspectos comentados pelos alunos estão relacionados aos **valores sociais** como: ser humilde; respeitar as pessoas; ser solidário com o próximo e expressar as opiniões.

“Eu aprendi a respeitar, porque ‘primeiro respeitar acima de tudo’ então, isso não é só no Karatê ou no dojô, serve pra vida também, não só quando você está de Kimono. Porque respeito é uma coisa que se tem pela vida inteira, respeito não é uma coisa que se aprende por aí, você tem que respeitar para ser respeitado, porque o que adianta ter respeito sendo que... sei lá sabe?! Tem que respeitar tudo em casa, tanto na escola, que respeito faz parte de tudo.” (Aluna Tamires).

Neste discurso notamos a correlação que a aluna Tamires fez entre o Dojo-Kun e o seu cotidiano, evidenciando a conotação educativa do Karatê-Do e a proximidade deste com a realidade de vida dos alunos.

[...] valores como dignidade, honra, trabalho, pacifismo, formação do caráter, persistência, humildade, são aprendidos na prática do Karatê que mantém as raízes da cultura oriental, ou seja, o Karatê como sabedoria ou modo de viver, em que o “DO” (caminho) se dá nas experiências cotidianas, para além do dojo, ou seja, não fragmenta a vida em si mesma da atividade (LAGE, 2005, p. 23).

As relações interpessoais também foram evidenciadas no discurso dos alunos:

“Antes de fazer Karatê eu era mais na minha, era muito tímida, quase não conversava e as pessoas até me chamavam de chata às vezes. Mas nas aulas de Karatê eu comecei a me soltar mais, tipo quando fazemos as conversas em grupo, pra dar a minha opinião, aí eu to começando a me soltar mais, já estou me enturmando mais.” (Aluna Brenda).

Com isso, notamos que as aulas de Karatê-Do auxiliaram no desenvolvimento das habilidades sociais dos alunos, proporcionando momentos de reflexão, formação de opiniões e expressão de ideias. Os alunos afirmaram respeitar mais as diferenças entre as pessoas, ser mais solidários e fazer mais amigos.

No que diz respeito à **disciplina**, os alunos citaram a dedicação aos estudos e a responsabilidade:

“O Karatê também me ajudou a tirar notas boas por causa do boletim, no final do bimestre. Porque... eu não sei, eu procuro me esforçar bastante pra merecer outra faixa, essas coisas assim.”
(Aluna Brenda).

Neste ponto, mesmo que o rendimento escolar não seja restritivo para avançar sua graduação, a aluna justifica sua melhora nos estudos como uma condição para merecer a próxima faixa.

Os alunos falaram sobre a importância e o interesse em praticar **Atividade Física**: entender a importância de praticar atividade física regularmente; respeitar os horários para dormir e melhorar os hábitos alimentares.

“Ah, quando eu não fazia Karatê eu dormia até tarde, ficava no computador... Agora não, eu vou deitar meio cedo né?! Pra acordar cedo pra vir pro Karatê, esses negócios. Antes eu ficava até tarde, dormia até tarde, esses negócio aí... e não fazia exercício, nem nada.”
(Aluno Marcelo).

Neste sentido, o Karatê proporcionou a prática regular de atividade física entre os alunos, bem como mudanças nos seus hábitos diários.

Do ponto de vista dos professores, os alunos que participam do Projeto de Karatê-Do apresentaram mudanças positivas no comportamento: são calmos, tranquilos e disciplinados; tratam os colegas de classe, professores e funcionários da Escola com educação e respeito; são mais cooperativos e sociáveis; participam efetivamente da Escola e, influenciam positivamente os outros alunos nas aulas.

“Eu dei aula para os alunos Douglas e Leonardo e eles são meninos tranquilos, nunca me deram problema! Tratam com respeito os colegas, sempre me trataram com respeito também e participam das aulas positivamente”. (Professora Júlia)

“Olha, foram bem positivas! E outra coisa, pelo o que eu converso com os alunos, eles adoram fazer as aulas de Karatê e praticar esportes! Então isso tudo está ajudando para que eles se estruturam, para que eles encontrem um caminho para fazer parte da escola, da cidadania”. (Professora Samanta)

A partir das fundamentações teóricas estudadas e dos relatos dos alunos, professores e gestoras entrevistados, finalizamos a nossa discussão apontando os argumentos que nos permitiram considerar que a prática do Karatê-Do na Escola influenciou positivamente o comportamento social dos alunos, por meio da aprendizagem de seus aspectos histórico, filosófico e psicológico, além da compreensão e vivência dos valores sociais inerentes a esta arte marcial.

Conforme discutimos anteriormente, as gestoras e os professores caracterizaram o comportamento social dos alunos da Escola em geral como mal educado, indisciplinado e violento, justificando essas manifestações com argumentos relacionados à falta de estrutura familiar e o ambiente em que os alunos vivem.

Neste contexto, entendemos que o ensino é essencialmente social e por este motivo a escola deve se preocupar com o processo de formação dos alunos como cidadãos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir deste estudo de caso, pudemos entender a percepção dos alunos, professores e gestoras sobre a violência escolar. Ao refletirem sobre este assunto, os pesquisados afirmaram a incidência de atos violentos e correlacionaram o comportamento violento e intolerante dos alunos a fatores extrínsecos à Escola, como: a falta de estrutura familiar e o ambiente violento em que os alunos vivem. Entretanto, consideramos que as práticas educacionais mal sucedidas e a falta de sentido atribuído ao processo de ensino aprendizagem são aspectos intrínsecos ao ambiente escolar, caracterizando a violência simbólica ou institucional (CHARLOT, 1997 apud ABRAMOVAY e RUA, 2002).

Neste sentido, conhecemos as medidas escolares tomadas pelos professores e a equipe gestora para educar os alunos sobre o tema violência e ponderamos que as medidas preventivas e socioeducativas, em detrimento às punitivas, são mais apropriadas para trabalhar este tema, pois utilizam estratégias que objetivam desenvolver as habilidades sociais, suprem o sentimento de carência afetiva dos alunos e resgatam valores.

Com isso, consideramos que o ambiente escolar deve apoiar os adolescentes nesta busca por vivenciar e compreender as representações da sociedade, a partir de um processo de ensino-aprendizagem que os permita aprimorar as relações interpessoais.

Desta forma, concluímos que a prática do Karatê-Do, no Programa Escola da Família, evidenciou uma alternativa eficaz para estabelecer medidas preventivas e socioeducativas para educar os alunos sobre a violência na Escola. Por meio da aprendizagem de seus aspectos históricos e filosóficos, além da compreensão e vivência dos valores sociais inerentes a esta arte marcial, os alunos adquirem o sentimento de pertença e autoconfiança, suprem a carência afetiva, desenvolvem suas habilidades sociais e, se conscientizam sobre suas atitudes.

Visto que a prática de lutas neste ambiente escolar foi uma vivência que influenciou positivamente o comportamento social dos alunos, consideramos importante e legítimo o ensino deste conteúdo nas aulas de Educação Física. Em contraponto aos argumentos que restringem a abordagem deste tema na escola, corroboramos com So e Betti (2009) e Carreiro (2005) e concluímos que por meio dos elementos básicos

inerentes a esta prática seja possível aos alunos: conhecer, praticar, refletir e discutir este elemento da Cultura Corporal de movimento, desmistificando sua correlação com a violência.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M. **Cotidiano das escolas: entre violências**. Brasília: UNESCO no Brasil, 2006.

Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001452/145265por.pdf>

Acesso em: 10-09-2013.

_____. **Escola e violência**. Brasília: UNESCO, 2002. 154p.

_____; RUA, M. **Violência nas escolas**. Brasília: UNESCO Brasil, REDE PITÁGORAS, Coordenação DST/AIDS do Ministério da Saúde, a Secretaria de Estado dos Direitos Humanos do Ministério da Justiça, CNPq, Instituto Ayrton Senna, UNAIDS, Banco Mundial, USAID, Fundação Ford, CONSED, UNDIME, 2002. 88p.

ABREU, M. C.; MASSETO, M. T. **O professor universitário em sala de aula**. São Paulo: MG Editores Associados, 1990.

ALMEIDA, R. da C. A influência do Karatê no desenvolvimento motor em crianças. **Revista de Educação Física – Uniandrade**, Curitiba, v. 01, ano II. 2006.

BANDEIRA, M.; DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A.; MAGALHÃES, T. Validação das Escalas de Habilidades Sociais, Comportamentos Problemáticos e Competência Acadêmica (SSRS-BR) no ensino fundamental. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 25 n. 2, p. 271-282, 2009.

BRACHT, V. **Educação física e aprendizagem social**. Porto Alegre: Magistar, 1992.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física, 3º e 4º ciclos**. Brasília, 1998.

_____. **Programa Mais Educação**. Portaria Normativa Interministerial N°-17, de 24 de Abril de 2007.

BETTI, M. Por uma teoria da prática. **Motus Corporis**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 73-127, 1996.

CARREIRO, E. A. Lutas. In: DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. **Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

CARVALHO, A.; GUIMARÃES, M.. Desenvolvimento da criança de 0 a 6 anos: natureza e cultura em interação. In CARVALHO, A. SALLES, F.; GUIMARÃES, M. (Orgs.). **Desenvolvimento e Aprendizagem**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002. p. 31-50.

CHARLOT, B.; ÉMIN, J. (Coords.). **Violences à l'école - état des savoirs**. Paris: Masson & Armand Colin éditeurs, 1997. apud ABRAMOVAY, M.; RUA, M. G.

Violência nas escolas. Brasília: UNESCO Brasil, REDE PITÁGORAS, Coordenação DST/AIDS do Ministério da Saúde, a Secretaria de Estado dos Direitos Humanos do Ministério da Justiça, CNPq, Instituto Ayrton Senna, UNAIDS, Banco Mundial, USAID, Fundação Ford, CONSED, UNDIME, 2002. 88p.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da educação física.** São Paulo: Cortez, 1992.

COSTA, J. F. **Violência e psicanálise,** Rio de Janeiro: Graal, 1984.

CURCIO, J. L.; FIRST, P. F. Violence in the schools: how to proactively prevent and defuse it. **Series: Roadmaps to success series.** Newbury Park: A Corwin Press Publication, 1993. apud ABRAMOVAY, M. **Escola e violência.** Brasília: UNESCO, 2002. 154p.

DANIEL, E. Fenomenologia crítica da violência urbana. In **Violência Urbana,** Rio de Janeiro: Codecri. P. 124-150, 1982. apud COSTA, J. F. **Violência e psicanálise,** Rio de Janeiro: Graal, 1984.

DAYRELL, J. A escola como espaço sociocultural. In: DAYRELL, J. (Org.). **Múltiplos olhares sobre educação e cultura.** Belo Horizonte: UFMG, 1996.

_____. **A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil** Educ. Soc., Campinas, vol. 28, n. 100 – Especial, p. 1105-1128, out. 2007.

DEBARBIEUX, E. **L’oppression quotidienne: recherches sur une délinquance des mineurs.** Paris: Laboratoire de Recherches Sociales en Éducation et Formation LARSEF, 2002.

DEL VECCHIO, F. B.; FRANCHINI, E. Lutas, artes marciais e esportes de combate: possibilidades, experiências e abordagens no currículo da Educação Física. In: SOUZA NETO, S.; HUNGER, D. **Formação profissional em Educação Física: estudos e pesquisas.** Rio Claro: Biblioética, 2006.

FLANNERY, D. J. **School violence: risk, preventive intervention, and policy.** Nova York, NY: ERIC Clearinghouse on Urban Education, 1997. apud ABRAMOVAY, M. **Escola e violência.** Brasília: UNESCO, 2002. 154p.

FREUD, S. **O mal-estar da civilização.** ESB. Rio de Janeiro: Imago v. XXI, 1996.

FUNAKOSHI, G. **Karate-do Kyohan,** Kodansha International, Tokyo, New York, London, 1988.

_____. **Karate-do Kyohan, the Master Text,** Ward Lock, Kodansha International, Tokyo, New York, London, 1976.

HAYDEN, C., BLAYA, C. **Violence et comportements agressifs dans les écoles Anglaises.** In: DEBARBIEUX, É., BLAYA, C. **La violence en milieu scolaire-3-dix**

approaches en Europe. Paris: ESF, 2001, p. 43-70. apud ABRAMOVAY, M. **Escola e violência.** Brasília: UNESCO, 2002. 154p.

KUNZ, E. **Educação física: ensino & mudança.** Ijuí: Editora Unijuí, 1991.

LAGE, V. **Karatê-do: a sabedoria de um modo de viver.** Relatório (Iniciação Científica – PIBIC/CNPq) – UFSCar/SP, 2005.

_____.; GONÇALVES JUNIOR, Luiz. NAGAMINE, K. O Karatê-Do enquanto conteúdo da educação física escolar In: III Colóquio de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana: o lazer em uma perspectiva latino-americana, 2007, São Carlos. **Anais...** São Carlos: SPQMH/UFSCar, 2007, p.116-133.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber.** Belo Horizonte: UFMG, 1999.

NASCIMENTO, P. R. B. do; ALMEIDA, L. A tematização das lutas na Educação Física escolar: restrições e possibilidades. **Revista Movimento.** Porto Alegre, v. 13, n. 3, p. 91-110, set/dez 2007.

NOLETO, M. J. **Abrindo espaços: educação e cultura para a paz,** 4. ed. rev.– Brasília: UNESCO, Fundação Vale, 2008. 109 p.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **World Report on Violence and Health.** Geneva: World Health Organization Press, 2002.
Disponível em: http://www.who.int/violence_injury_prevention/violence/world_repor
Acesso em: 15-08-2013.

RUFINO, L. G. B.; DARIDO, S. C. Possíveis diálogos entre a Educação Física Escolar e o conteúdo das lutas na perspectiva da cultura corporal. **CONEXÕES: Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP,** v. 11, n. 1, p. 144-170, 2013.

_____. O jiu jitsu brasileiro nas três dimensões dos conteúdos nas aulas de educação física escolar. In: IV Colóquio de pesquisa qualitativa em motricidade humana: as lutas no contexto da motricidade, 4.; III Simpósio sobre o ensino de graduação em educação física: 15 anos do curso de educação física da UFSCar; SHOTO WORKSHOP, 5., 2009, São Carlos. **Anais...** São Carlos: UFSCar, 2009. CD ROM.

SÃO PAULO (Estado). Fundação para o Desenvolvimento da Educação. Diretoria de Projetos Especiais. **Escola da Família/Fundação para o Desenvolvimento da Educação.** Organização de Adriano Costa {et al.}. – São Paulo: FDE, 2004 (Série Ideias N°32).

_____. Fundação para o Desenvolvimento da Educação. **Manual Operativo 2012 Programa Escola da Família -** São Paulo: FDE, 2012.

_____. Secretaria da Educação. **Escola da Família: espaços de paz; oficinas – um convite para refletir e agir pela paz. -** São Paulo: FDE/DPE/PEF, 2005. 252p. : Il.

São Paulo se engaja no Manifesto 2000 por uma Cultura de Paz e Não Violência. Portal do Governo do Estado de São Paulo, São Paulo, 11 maio 2000.
Disponível em: <http://www.saopaulo.sp.gov.br/spnoticias/lenoticia.php?id=4160&c=6>
Acesso em: 01-11-2013.

SASAKI, Y. **Karatê-Do: o caminho educativo**. São Paulo: USP, 1991.

SPOSITO, M.; GALVÃO, I. **A experiência e as percepções de jovens na vida escolar na encruzilhada das aprendizagens: o conhecimento, a indisciplina, a violência**. Perspectiva, Florianópolis, v. 22, n. 02, p. 345-380, jul./dez. 2004.
Disponível em: <http://www.ced.ufsc.br/nucleos/nup/perspectivas.html>
Acesso em: 11-10-2013.

SILVA, O. M.; NAVARRO, E. C. A relação professor-aluno no processo ensino-aprendizagem. **Interdisciplinar: Revista Eletrônica da Univar** n. 8 v. 3 p. 95-100, 2012.
Disponível em: <http://revista.univar.edu.br>
Acesso em: 11-10-2013.

SO, M. R.; BETTI, M. Saber ou fazer? O ensino de lutas na Educação Física escolar. In: IV COLÓQUIO DE PESQUISA QUALITATIVA EM MOTRICIDADE HUMANA: AS LUTAS NO CONTEXTO DA MOTRICIDADE HUMANA, 2009, **Anais...** São Carlos-SP. IV Colóquio de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana: as Lutas no Contexto da Motricidade Humana. São Carlos-SP: Sociedade de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana/UFSCar, 2009. p. 540-553.

THOMAS, J. R; NELSON, J. K. **Métodos de pesquisa em atividade física**. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

TRAMONTIN, Z.; PERES, L. S. **O karatê como ferramenta minimizadora da agressividade no ambiente escolar**, 2008.
Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/19338.pdf>
Acesso em: 10-10-2013.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VIANNA, J. A. **O impacto dos valores humanos do instrutor, sobre a conduta do atleta: o caso do karatê**. 1997 (Mestrado em Educação Física) - PPGEF/UGF, Rio de Janeiro, 1997.

VILHENA, J.; MAIA, M. V. C. M. Agressividade e violência: reflexos acerca do comportamento anti-social e sua inscrição na cultura contemporânea. **Revista Mal-estar e Subjetividade**, n. 2, p. 27-58. 2002.

ANEXOS

Anexo A

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) – à Direção da Escola

À direção da escola E.E. Professora Hercy Moraes:

Eu, Ricardo Manoel de Oliveira Zambelli, aluno de graduação da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), estou realizando minha pesquisa de iniciação científica e monografia sob a orientação da Profa. Dra. Elaine Prodócimo, cujo título é **“Violência escolar: A prática do Karatê-Do no Programa Escola da Família”** solicito permissão para realizar coleta de dados para esta pesquisa que tem o objetivo de compreender melhor a influência da prática do Karatê-Do no comportamento escolar entre estudantes dos ensinos fundamental e médio, entender como a questão da violência no ambiente escolar é percebida nesta escola e de qual forma a diretoria e os professores trabalham esse tema.

Para isso serão feitas entrevistas aos alunos, professores e gestores voluntários a participar da pesquisa. A ficha individual de ocorrências do último ano também será analisada.

A coleta de dados será realizada na própria escola nos horários das aulas do Projeto de Karatê-Do conforme orientação da direção e da coordenação pedagógica, não interferindo no andamento das aulas e no trabalho com o conteúdo escolar. Não haverá qualquer custo para a escola ou para os participantes, que terão liberdade para retirarem-se do estudo a qualquer momento se for de interesse. A pesquisa não representa riscos físicos ou psicológicos para os participantes, dado que os materiais coletados com a identificação dos sujeitos serão de conhecimento apenas dos pesquisadores, professores, coordenadores pedagógicos e diretora; para divulgação dos resultados do estudo será mantido o anonimato dos sujeitos. Também me comprometo a não divulgar imagens, nome da escola, de professores e alunos nesta pesquisa. Ressalto que, ao término da pesquisa, será entregue à escola um parecer sobre os resultados da mesma.

A permanência e a ida ao estabelecimento serão de total comprometimento do pesquisador. O presente termo está sendo entregue em duas vias, uma que ficará de posse da escola e outra de posse do pesquisador.

Comitê de Ética em Pesquisa UNICAMP
(Graduando)

Rua Tessália Vieira de Camargo, 126

CEP: 13084-971 Campinas-SP.

Telefone: (19) 3251-8936

E-mail: cep@fcm.unicamp.br

Ricardo Manoel de Oliveira Zambelli

Telefone: (19) 9251-6357

E-mail: ricardozambelli@hotmail.com

Profa. Dra. Elaine Prodócimo (Orientadora)

E-mail: elaine@fef.unicamp.br

Departamento de Educação Física e Humanidades

Faculdade de Educação Física – Universidade Estadual de Campinas

Eu, _____ RG _____, diretora da instituição de ensino _____ em Campinas, autorizo a realização da pesquisa **“Violência escolar: A prática do Karatê-Do no Programa Escola da Família”**, nesta escola.

Campinas, _____ de _____ de 2013.

Anexo B

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) aos Professores

Aos Professores da escola E.E. Professora Hercy Moraes:

Eu, Ricardo Manoel de Oliveira Zambelli, aluno de graduação da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), estou realizando minha pesquisa de iniciação científica e monografia sob a orientação da Profa. Dra. Elaine Prodócimo, cujo título é **“Violência escolar: A prática do Karatê-Do no Programa Escola da Família”** solicito sua participação no estudo que tem o objetivo de compreender melhor a influência da prática do Karatê-Do no comportamento escolar entre estudantes dos ensinos fundamental e médio, entender como a questão da violência no ambiente escolar é percebida nesta escola e de qual forma a diretoria e os professores trabalham esse tema.

Para isso serão feitas entrevistas aos alunos, professores e gestores voluntários a participar da pesquisa. A ficha individual de ocorrências do último ano também será analisada.

O estudo foi autorizado pela escola, que apoia a iniciativa de ações que busquem melhorar as relações sociais entre os estudantes. A coleta de dados será realizada na própria escola nos horários das Aulas de Trabalho Pedagógico Coletivo (ATPC) conforme orientação da direção e da coordenação pedagógica, não interferindo no andamento das aulas e no trabalho com o conteúdo escolar. Não haverá qualquer custo para a escola ou para os participantes, que terão liberdade para retirarem-se do estudo a qualquer momento se for de interesse. A pesquisa não representa riscos físicos ou psicológicos para os participantes. Também me comprometo a não divulgar imagens, nome da escola, de professores e alunos nesta pesquisa.

Declaramos estar à disposição dos entrevistados e da instituição para quaisquer esclarecimentos antes, durante e após a realização da pesquisa.

O presente termo está sendo entregue em duas vias, uma que ficará de posse do professor e outra de posse do pesquisador.

Comitê de Ética em Pesquisa UNICAMP
Rua Tessália Vieira de Camargo, 126
CEP: 13084-971 Campinas-SP.
Telefone: (19) 3251-8936
E-mail: cep@fcm.unicamp.br

Ricardo Manoel de Oliveira Zambelli (Graduando)
Telefone: (19) 9251-6357
E-mail: ricardozambelli@hotmail.com

Profa. Dra. Elaine Prodócimo (Orientadora)
E-mail: elaine@fef.unicamp.br
Departamento de Educação Física e Humanidades
Faculdade de Educação Física – Universidade Estadual de Campinas

Eu, _____ RG _____, professor da
instituição de ensino _____ em Campinas, concordo em
participar da pesquisa **“Violência escolar: A prática do Karatê-Do no Programa Escola da Família”**,
nesta escola.

Campinas, _____ de _____ de 2013.

Anexo C

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) aos Pais

Aos Pais dos alunos da escola E.E. Professora Hercy Moraes:

Eu, Ricardo Manoel de Oliveira Zambelli, aluno de graduação da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), estou realizando minha pesquisa de iniciação científica e monografia sob a orientação da Profa. Dra. Elaine Prodócimo, cujo título é **“Violência escolar: A prática do Karatê-Do no Programa Escola da Família”** solicito permissão para que o menor sob sua responsabilidade participe do estudo que tem o objetivo de compreender melhor a influência da prática do Karatê-Do no comportamento escolar entre estudantes dos ensinos fundamental e médio, entender como a questão da violência no ambiente escolar é percebida nesta escola e de qual forma a diretoria e os professores trabalham esse tema.

Para isso serão feitas entrevistas aos alunos, professores e gestores voluntários a participar da pesquisa. A ficha individual de ocorrências do último ano também será analisada.

O estudo foi autorizado pela escola, que apoia a iniciativa de ações que busquem melhorar as relações sociais entre os estudantes. A coleta de dados será realizada na própria escola nos horários das aulas do Projeto de Karatê-Do conforme orientação da direção e da coordenação pedagógica, não interferindo no andamento das aulas e no trabalho com o conteúdo escolar. Não haverá qualquer custo para a escola ou para os participantes, que terão liberdade para retirarem-se do estudo a qualquer momento se for de interesse. A pesquisa não representa riscos físicos ou psicológicos para os participantes. Também me comprometo a não divulgar imagens, nome da escola, de professores e alunos nesta pesquisa.

Caso NÃO concorde com a participação de seu(sua) filho(a) na pesquisa pedimos que devolva esse documento assinado à coordenação da escola.

Declaramos estar à disposição dos entrevistados e da instituição para quaisquer esclarecimentos antes, durante e após a realização da pesquisa.

O presente termo está sendo entregue em duas vias, uma que ficará de posse dos pais e outra de posse do pesquisador.

Comitê de Ética em Pesquisa UNICAMP
Rua Tessália Vieira de Camargo, 126
CEP: 13084-971 Campinas-SP.
Telefone: (19) 3251-8936
E-mail: cep@fcm.unicamp.br

Ricardo Manoel de Oliveira Zambelli (Graduando)
Telefone: (19) 9251-6357
E-mail: ricardozambelli@hotmail.com

Profa. Dra. Elaine Prodócimo (Orientadora)
E-mail: elaine@fef.unicamp.br
Departamento de Educação Física e Humanidades
Faculdade de Educação Física – Universidade Estadual de Campinas

Eu, _____ RG _____, pai ou responsável pelo aluno _____ do _____ ano, não autorizo a sua participação na pesquisa **“Violência escolar: A prática do Karatê-Do no Programa Escola da Família”** nesta escola.

Campinas, _____ de _____ de 2013.